



# MULHERES

## EM QUARENTENA



Ana, Aristênia, Auricélia,  
Carol, Cecília, Clariça,  
Clycia, Fernanda, Geane,  
Graciele, Izandra, Kátia,  
Kécia, Laura, Lailsa, Leila,  
Lira, Lúcia, Madalena, Marina,  
Michelle, Milena, Monique,  
Nirly, Priscilla, Sandra, Sarah.

KÁTIA E LAILSA [ORG.]

# Mulheres em quarentena



**Kátia Oliveira  
Lailsa Ribeiro  
(Organizadoras)**

# **Mulheres em quarentena**

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

---

**Francisca Laila Ribeiro Pinto; Kátia Cristina Cavalcante de Oliveira [Orgs.]**

**Mulheres em quarentena.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 137p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-5869-634-6 [Impresso]**

**978-65-5869-846-3 [Digital]**

1. Mulheres. 2. Quarentena. 3. Prosa e poesia. 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – 800

---

**Capa:** Petricor Design

**Arte da Capa:** Francisca Laila Ribeiro Pinto

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

## Sumário

<b>Prefácio</b>	<b>9</b>
<b>Apresentação</b>	<b>11</b>
<b>Correspondência incompleta</b>	
<b>1. Carta à vó</b> <i>Kátia Cristina</i>	<b>17</b>
<b>2. Carta à Ana Maria (pós-pandemia)</b> <i>Laura Lima</i>	<b>23</b>
<b>3. Prezada professora</b> <i>Madalena Silva</i>	<b>27</b>
<b>4. Saudosa vovó</b> <i>Nirly Holanda</i>	<b>33</b>
<b>Cenas da Quarentena</b>	
<b>5. Amor também é cansaço</b> <i>Priscilla Venancio</i>	<b>39</b>
<b>6. Saúde psíquica e novas rotinas</b> <i>Ana Aristênia</i>	<b>47</b>
<b>7. Diferimento</b> <i>Leila Fernandes</i>	<b>51</b>

<b>8. O mundo estava acontecendo</b>	<b>53</b>
<i>Marina Noronha Lemos</i>	
<b>9. Os diferentes efeitos da pandemia</b>	<b>57</b>
<i>Geane Albuquerque</i>	
<b>10. Acolhimento</b>	<b>61</b>
<i>Carol Gomes</i>	
<b>11. Mulheres em quarentena/esperança</b>	<b>65</b>
<i>Auricélia Gadelha</i>	
<b>Poemas (re)unidos</b>	
<b>12. Autoquarentena</b>	<b>73</b>
<i>Lailsa Ribeiro</i>	
<b>13. O que há na madrugada</b>	<b>77</b>
<i>Ana Remígio</i>	
<b>14. Quem restará desta terra de mágoas?</b>	<b>79</b>
<i>Fernanda Cardoso</i>	
<b>15. “Travessia”</b>	<b>81</b>
<i>Lira Dicetaro</i>	
<b>Conto para um diário</b>	
<b>16. Em algum lugar, eu sou um jarro.</b>	<b>87</b>
<i>Sarah Forte</i>	

<b>17. Chovia, lá fora</b>	<b>93</b>
<i>Izandra Falcão</i>	
<b>18. Realidades</b>	<b>99</b>
<i>Cecília Raulino</i>	
<b>19. “Dona Lourdes”</b>	<b>105</b>
<i>Fuyu.two (Monique C. Pantoja)</i>	
<b>20. Lembrança</b>	<b>109</b>
<i>Fernanda Kécia de Almeida</i>	
<b>Visitas à prosa-poética</b>	
<b>21. “não paro de pensar nas mulheres...”</b>	<b>115</b>
<i>Michelle Araújo</i>	
<b>22. A Invisibilidade da dor</b>	<b>117</b>
<i>Lúcia Helena de Brito</i>	
<b>23. Mulheres na Pandemia... que fazer? Por que lutar?</b>	<b>123</b>
<i>Sandra Gadelha</i>	
<b>24. Coração partido e crush de supermercado: existe amor na pandemia</b>	<b>127</b>
<i>Milena Bandeira</i>	
<b>25. Da vida não mensurável</b>	<b>131</b>
<i>Graciele Callado</i>	



## **26. Mulheres em quarentena**

*Clycia Najara*

**135**

## Prefácio

Certa vez, questionada quanto ao que era poesia e ser poeta, cheguei à conclusão de que poesia para mim e, em especial, o processo criativo do fazer poético era catarse. Dar vazão ao que estava represado, restando-me depois uma sensação de alívio, de libertação, de cura, de reconquista da consciência enfim. Reconheço esse processo catártico também na experiência de apreciar a poesia (nem sempre em forma de poema!) de outrem e, sem dúvidas, a leitura de *Mulheres em Quarentena* fez-se de um jeito forte, bonito e instigante também por ter encontrado nos escritos de tantas e diversas outras mulheres a captura e tradução de sentimentos, momentos ou pensamentos que me circundaram a vida no último período.

O mergulho nestes escritos me fizera pensar que, sobretudo para quem, como eu, faz do sertão local de vida, trabalho e moradia, poesia talvez seja isso: um delicioso banho de açude, para o qual as mulheres reunidas aqui neste livro, com seus escritos, tão bem souberam mobilizar-me. Escritos nascidos em dias de muitas dores e que, por isso mesmo, nos confrontam com feridas abertas – objetivas e subjetivas - que certamente levarão tempo para cicatrizarem, na vida individual e coletiva.

Mas, para além das dores, há delícias também expressas nos registros do existir e do seu cultivo. *Mulheres em Quarentena* é um livro de descoberta, reinvenção e potência. Suas linhas são profundamente diversas, em temas, estilos, percursos e horizontes. Em comum, destaco especialmente a força que as palavras dessas mulheres portam, chamando-nos à resistência incessante.

Em uma nudez sem precedentes, elas expõem sensibilidades, criatividade e experiências cotidianas de um modo a me fazer crer que leitores e leitoras de todos os recantos do país certamente encontrarão nestes escritos muito com o que se identificar. O que tocou a essas mulheres poderá tocar ainda a tantas outras que

somente posso desejar que este livro se faça então lugar de encontro e construção da identidade entre nós e os nossos.

No mais, resta-me reforçar a urgência de atentarmos para a produção cultural que está para muito além das capitais do país e dos grandes centros urbanos. Já não se pode ignorar a presença e proliferação das vozes femininas e feministas nos mais diversos rincões do Brasil e a heterogeneidade que as caracterizam.

Quebra silêncios e rompe com os estereótipos do que uma sociedade marcadamente patriarcal espera da literatura produzida por mulheres. Não tem “ganhado” mais espaço, tem conquistado mesmo. Assim como quem entra empurrando a porta com os dois pés e megafone em punho. Porque isso tem se dado a partir de intensos processos de auto organização das mulheres e da ocupação (ou mesmo criação) de espaços independentes para difusão das preciosidades literárias produzidas.

Um brinde às organizadoras do livro pela delicadeza e fortaleza da iniciativa e às autoras que, atendendo com desvelo a este chamado, nos entregam a possibilidade de uma experiência literária encharcada de sentidos!!!

*Clariça Ribeiro*

Sertão da Paraíba, às vésperas da viagem para reencontro do colo de mãe após 1 ano, 7 meses e 16 dias de isolamento imposto pela pandemia do SARS-Cov-2 (coronavírus) e movida por ardente desejo de derrota do projeto político genocida do bolsonarismo e tudo o que este tem arrancado da gente e dilacerado, por dentro e por fora...

## Apresentação

A escrita inicia, aqui, por afeto e não por academicismo. A impressão que temos é que ela mantém um encontro com quem afina pensamentos. Pensar é estar a viver diante das coisas. A gente experencia, queremos dizer, a gente trabalha a linguagem pela ingenuidade dos dias para guardar as evidências na representação das palavras. O que propomos não é a realidade, mas a falta dela durante um desfalque de tempo imaterializado. É necessário apontarmos que nos despimos de nós, numa intimidade desconhecida por quem vive e captura algo ainda não dito em voz alta.

O início só poderia acontecer em diálogo, confinado, entre mãe e filha: “Sabe que vou organizar um livro só com textos de mulheres sobre a pandemia?”. “Esse é o terceiro livro que você escreve na pandemia, mãe!” Mas que fina ironia da garota! O lugar que também se inventa. Que incita uma resposta inusitada e reveladora. A primeira organizadora de nós, Kátia, resolveu levar a sério a empreitada. Naquele momento, tomou a decisão de que esse não seria apenas mais um devaneio de uma sobrevivente do medo.

Por isso, sua primeira decisão foi, então, convidar alguém com quem dividir essa tarefa. Pela amizade (e os escritos trazem isso), pela poesia que nelas circundam desde o laço de outras vidas, Laila, a segunda organizadora de nós, foi o nome para seguir o projeto. Desde o primeiro encontro, remoto, para tratar das providências iniciais, a cura estava unida em verso e o convite às amigas de ambas (“amoras”) em estado de poesia!

O método foi a conversa entre plantas e chás metidos em frente às máquinas de solução. Cada coisa começava com risos soltos, de intuições inesgotáveis que recusam explicações prévias. Nessa celebração, perceberam que outros projetos fariam semelhante magia. Juntas, fizeram uma lista de mais de oitenta convidadas. Afetos. Alguns de uma, outros de outra, mais outros,

de ambas. Mulheres que falariam de si e do mundo durante esse período tão crítico para a humanidade. Não havia, portanto, pretensões acadêmicas, literárias ou profissionais. A poesia seria alcançada pela verdade de serem, de (sobre)escreverem.

Mulheres que reivindicam, da forma possível para o momento, o direito de se dizer. O perigo foi encerrá-las num sumário de interesses. Por esse motivo, não houve imposição de gênero a ser escrito: carta, poema, crônica, conto etc. Sabiam do desafio que isso implicaria: organizar os vocábulos, posteriormente. Não exatamente em uma estrutura que conformassem os gêneros produzidos, mas que seguissem uma certa tendência no estilo e nas intenções do proferir. Foi assim que chegamos a esse nascimento onde inserimos os diversos textos. Todos os escritos se equivalem em se dizer a poesia dos ritos, da matéria-prima do existir na extensão da palavra.

Dito de outro modo, cada texto é uma entrega única do universo de cada mulher. As palavras seguem a especialidade de cada idioma apreendido na liberdade de ser.

Entendemos que a linguagem adentra as mulheres-nossos-afetos, a vontade de se chegar às jovens filhas, às mães, às amigas, às colegas de trabalho, às vozes de longas datas, à euforia em curso. Ler cada uma cria em nós a sensação de também sermos fruto desses dias de sol, de dissabores, de saber quem éramos e até onde chegamos, de chorar com os noticiários, de sorrir e se desesperar por um amanhã ainda em sonho pela doce travessia da desordem. Enfim, o que apresentamos, nesse momento, é um livro com relatos, histórias contadas, poemas proferidos, cartas enviadas.

Agradecemos à coragem das que se consideram iniciantes na tarefa de autoria e à humildade das que já podem ser consideradas profissionais da escrita, por concordarem em estar ao nosso lado nas descobertas das possíveis linhas escritas por poetisas, contistas, mas também, por nós, as amadoras. E que sejamos fonte de inspiração para outras pessoas que queiram fazer algum registro sobre esse momento que já se encaminha para completar os dois anos sem que se saiba exatamente seu

desfecho. As vacinas fazem sua parte, a ciência há de vencer o negacionismo e a ignorância de quem se joga no abismo sem aceitar as mãos de quem as pode segurar.

Ficamos a pensar que a poesia já se fazia quando os assuntos se espalhavam por todas nós.

*As organizadoras.*



**CORRESPONDÊNCIA INCOMPLETA**





## Carta à vó

Oi, vó! Sei que essa carta vai soar muito estranha. Primeiro, porque é uma missiva para o lado de lá de alguém do lado de cá que tem perdido um tanto da fé nesses últimos tempos. Segundo, porque mesmo que as notícias possam chegar por aí, elas não deveriam interessar a quem já saiu desse vale de lágrimas, e nós, os viventes, deveríamos deixá-los em paz. E, por último, palavras gastas cansam o ritmo de vida que se encerra nas ações mundanas de um ódio que tenta vencer a vida em movimento. E talvez, no fim das contas, esse seja um apelo para que algo reste a nós, que por aqui ficamos ainda.

Nesse momento, vó, respiro com dificuldade. Já pensei na Covid-19, em asma, mas é só ansiedade mesmo. A tragédia que vive a humanidade nesse momento se reflete em nossa essência e ela me faz, ultimamente, pensar em vocês, meus antepassados, sobretudo meus avôs e avós, que foram meu porto seguro por mais tempo que a maioria das pessoas podem conhecer. Penso em vocês um pouco como crianças desprotegidas que pereceriam caso ainda estivessem neste plano de vida. Confesso que meu sentimento maior é o de alívio, por saber que não sofreram a ameaça que rondou tantos idosos – muitos sobreviveram, mas muitos também se foram. Não morreram naturalmente, como vocês. Imagine uma vida ceifada por um vírus, que lhe tiraria a tranquilidade do último suspiro, que, no seu caso, se deu após a devolução de uma xícara em que tomou um chá. Quantas pessoas foram impedidas dessa morte tranquila, agonizando num sofrimento de afogado sem salvação, sem condições, às vezes, sequer de pedir socorro, vó? Não é de nos tirar o ar, o fôlego, a alegria?

O que nos move há um ano e meio, minha amada vó, é o afeto do medo. É ele quem nos conduz. Lavamos as mãos como o médico que descobriu a eficácia dessa ação nas cirurgias, usamos máscaras como profissionais da saúde em constante ocupação,

nos isolamos, evitamos proximidade com quem não seja do nosso contato imediato e, ainda assim, estamos sempre assustadas com a ameaça da inominável das gentes, como já disse o poeta. Sofremos de uma cega ilusão, fechamos nossos olhos para as quase mil mortes que ainda acontecem diariamente no País. Naturalizamos essas vidas arrancadas tal qual planta ainda por florescer, até que ela chegue a nós de forma mais contundente, levando uma ou até mais pessoas queridas. Mas enquanto não é conosco, somos cínicos e insensíveis.

No começo foi mais difícil. Nunca evidenciamos os medos. Da solidão. Da vida que não era. Nem mais será. Em alguns grupos virtuais, tímidas manifestações das angústias, da ansiedade. Silenciamos pelas famílias vitimadas pela ausência permanente e irrecoverável. Mas parece que nós, os brasileiros principalmente, só precisávamos de tempo para nos adaptarmos a essa nova realidade de morte. Hoje, aquele que comemora pode ser o primeiro do dia seguinte, tal qual a vítima de uma nova variante que parece ter confiado nos seus 45 anos e morreu sem vacina, provavelmente por escolha própria.

Desculpe, vó, por essa carta confusa, em que acabo culpando as cidadãs e os cidadãos do nosso país, mas a verdade é que aos brasileiros foram direcionadas duas tragédias para esses tempos. Das duas, uma: ou nossos “carmas” são mais pesados do que os das almas de outros países ou Deus se esqueceu de que é brasileiro, desistindo definitivamente das terras “tupiniquins”. Cada um carrega suas próprias datas marcantes. As minhas se misturam entre a preocupação de pessoas queridas com a Covid-19 e dois aniversários que me comoveram por escancarar as mudanças bruscas que cada uma teve em sua vida. Minha nora fez 18 anos! Sem festa, sem alegrias compartilhadas, isolada, contaminada pelo vírus. Minha amiga, 50, com viagem marcada e bilhete perdido para comemorar conosco em Salvador. A mensagem de felicitações foi banhada em lágrimas numa tela que não as revelou.

Como em toda a história da humanidade, às vezes a tragédia se reveste de comédia. Nesse caso, muito poucas vezes. Em nossa pequena cidade, houve pelo menos dois casos um tanto cômicos não fosse a gravidade da situação. O primeiro foi o desespero de um homem que se viu acometido pelo vírus, quando nem havia caso por aqui, e que mobilizou quase toda a população por falta de notícia séria. A ambulância teria ido pegá-lo, mas os profissionais teriam se recusado a tocar nele, assim como a própria família, que fez um vídeo denunciando o caso até mobilizar a própria secretária de saúde, que fez a sua própria gravação, contando a própria versão dos fatos. No final das contas, ele só estava com problemas de saúde decorrentes de um acidente que sofrera e dos quais se recusava a cuidar. Outro caso, noticiado nos jornais da imprensa estadual, foi o de um homem que fugiu do hospital, onde fora internado por ter contraído o vírus. Teve que voltar para não ser preso. Dizem por aí que, na verdade, ele estava se sentindo abandonado da assistência médica e fugir acabou sendo a saída para que dele cuidassem. Parece que os dois, ao contrário dos mais de 570.000 mortos por negligência do governo, continuam vivos para contar suas próprias histórias.

Nossa outra tragédia, além da sanitária, minha vó, é política, e encarnou em forma de um presidente que odeia. Assim, intransitivo. Ódio pelo ódio. Mas também podemos transitivá-lo e dizer: odeia as mulheres – e há as que o exaltam; odeia os negros – e alguns o seguem; odeia toda a comunidade LGBTQIA+ – e uns poucos preferem ignorar essa verdade. Elegeram um ser monstruoso em nome de Deus, do Mercado e do Diabo. Nessas horas, só mesmo acreditando nas palavras bíblicas que falam de falsos profetas e a dificuldade em reconhecê-los no final dos tempos. E agora estamos nós na luta para extirpar as duas pragas que sobre nós se abateram. Quantas mesmo foram as do Egito? Mas nosso nome, como mostrou sua própria história de luta (com a pobreza, com o machismo do patriarcado), é RESISTÊNCIA.

Fique na paz, vó! Esqueça essas palavras, apague-as de sua memória, se aí houver um dispositivo mais eficiente do que os disponíveis entre nós. Amém.

Com carinho, amor e saudades,

Sua neta,

*Kátia Cristina.*

*Kátia Cristina, professora de longa data, mãe em tempo integral, agora  
uma feliz avó que espera ser capaz de mudar um pouco o mundo a cada  
dia para que a humanidade ainda seja possível.*



## Carta à Ana Maria (pós-pandemia)

Querida,

Se você conseguiu chegar até aqui, saiba que estou conversando com uma Ana sobrevivente de guerra. Não, não quero exaltar o romantismo da mulher guerreira, a que sozinha destrói tudo à frente e combate os inimigos sem quebrar uma unha.

Não. Estou aqui conversando com uma S-O-B-R-E-V-I-V-E-N-T-E. Aquela cujas feridas no corpo são insignificantes se comparadas aos traumas deixados pela morte à espreita em cada gesto, cada “deslize” (um passar de mãos nos olhos, um aperto de mão despercebido...). Cada embalagem recebida e as angústias latejando: “O inimigo está aí?”.

Televisão ligada, celular ligado, computador ligado e vida desligando, esvaindo-se por cada infográfico mostrado em tantas telas.

As telas? A urgência de olhar sem ver. A urgência de falar, mesmo que não houvesse para quem. Nunca se falou tanto em tão pouco tempo. Ficamos exaustos de tanto falar e de tão pouco ouvir. Essa exaustão nos tirou o sabor de comidas e nos privou de cheiros. Engaiolados, passamos a temer o “lá fora”.

Então, Ana, se você chegou até aqui, ainda não é tempo de banquetes e luxúrias, porque ainda restam atividades atribuídas a sobreviventes. Os mortos foram contados? Houve homenagens para os que combateram bravamente nas trincheiras (não serve algo genérico ao soldado desconhecido)? Os feridos foram curados? Há sementes para os recomeços? São tantas perguntas, são tantas lutas a travar... e você não pode ficar aí lambendo as suas feridas.

Sempre há tempo para a poesia, Ana. Isso não significa que poesias devam ser melosas e encaminhadas à amada (de novo a romantização). Poesias podem ser armas poderosas e podem servir de bálsamo também. A palavra pode libertar, tal como está escrito em textos religiosos (lá fala de verdade, mas, para você, é a



mesma coisa). Faça cartazes, faça poemas, faça textos que façam os outros pensarem (Não. Você mesma! Presunção a sua. Vejo que aqui você não mudou muito).

Faça uso da palavra, Ana, deixe-a ecoar. O que você acha que ainda sabe fazer? Faça! Caminhe nos escombros, não os ignore, mas não os carregue consigo. Se encontrar um pouquinho de terra, plante algo. Vasos de flores são necessários para as janelas tristes. Tomateiros também ficam lindos em vasos e ajudam na fome também.

As formas para amar ainda se encontram aí, mas vá com calma! Você tem essa mania de tragar o tempo em goles rápidos e se engasga quase sempre. Ame devagar, como se aprecia um sorriso de criança. Faça isso devagar, mas com uma insistência quase disciplinar. É preciso.

Continue andando. Vá por você mesma, mas se se achar egoísta, vá pelos que não puderam chegar. Cada passo, uma conquista. Não pequena, porque você está saindo de uma guerra, lembra?

Tenha cobertores à mão e roupas frescas também. O clima vai ficar cada vez mais maluco. Siga apenas e vá, no caminho, observando sempre o que pode ser reconstruído. Não é para ignorar o passado, apenas não o carregue como fardo. Ele passou. Aprenda as lições dadas e siga. Não vou dizer que seja feliz, não há como prever isso, mas dá para dizer que se chegou até aqui, pode ser que chegue a essa tal felicidade, pois deve haver algo para continuar seguindo.

Espero que nos encontremos em momentos menos difíceis. Boa viagem!

*Laura Lima*

*Laura Lima Marinho, 22 anos, estudante de engenharia ambiental e sanitária, possui duas cachorrinhas: Anita, uma Yorkshire, e Brigitte, uma vira-lata caramelo. Gosta de ouvir todos os estilos de músicas, mas de preferência MPB e rap brasileiro, gosta de praia e sair à noite com os amigos.*



Fortaleza, 30 de agosto de 2021.

**Prezada Professora,**

Ainda não nos conhecemos, nesse sentido, permita então que eu me apresente. Sou Madalena Silva, professora há 24 anos. Há uma década faço parte do IFCE – campus Horizonte, e nos primeiros 14 anos fiz parte da rede municipal e estadual de ensino em outro município do interior do Ceará. Como filha de um casal de camponeses do sertão cearense, acompanhei, desde cedo, a luta e a angústia do meu pai para manter vivo o seu pequeno rebanho e sua plantação em tempos de seca ou estiagem. Com a chegada da estação chuvosa, via sua alegria em poder contar com a água de forma abundante e, através disso, aliviar a dureza do seu trabalho como homem do campo. Por outro lado, grande era o esforço de minha mãe para que os filhos estudassem. Em sua visão futurista, essa era a única maneira de não seguir repetindo a história dela e de meu pai.

O trabalho de sol a sol e as dificuldades vividas em todas as dimensões da vida – saúde, educação, deslocamento para o centro urbano mais próximo – eram e continuam sendo, para muitas famílias que trabalham e vivem no campo, motivos para quererem que seus filhos saíssem dali e buscassem uma vida melhor – frase muitas vezes repetida por minha mãe. Cabe mencionar que, para uma família de oito filhos, nas condições econômicas que tínhamos, lutar para que pudéssemos frequentar a escola pública já era um grande esforço. Não pensávamos em formação cultural e nem havia recursos para tanto, a biblioteca municipal era composta de um pequeno acervo, e as livrarias espalhadas de forma física e online não estavam ao alcance das minhas mãos. Enfim, minha habilidade leitora e minha formação política foram sendo construídas ao longo da carreira docente e acadêmica.

Por influência de duas irmãs que iniciaram a docência e de alguns professores, dos quais tive o prazer de ser aluna, aprendi a

admirar e a respeitar a profissão docente. Não sei se escolhi ou se fui escolhida pela Pedagogia, o fato é que, desde minha formação, busco atuar de maneira crítica, política e militante, por acreditar na importância da educação pública, laica, de qualidade e, acima de tudo, por amar gente!

Talvez deva te dizer, também, por que escolhi escrever uma carta e não simplesmente telefonar, enviar um e-mail ou uma mensagem por WhatsApp, coisas tão comuns do nosso cotidiano. Parto do princípio de que escrever é sempre uma oportunidade de parar para pensar, parar para sentir, para ler-reler e, nesse sentido, essa carta torna-se uma experiência única de um registro pessoal-profissional de um ser-estar no mundo nada neutro, que busca agir de forma coerente com o que sente, pensa e fala. Um registro, e também uma partilha, sobre o contexto histórico, político e social no qual estamos inseridas como Mulheres-mulheres, Mulheres-mães, Mulheres-professoras Mulheres-pesquisadoras, Mulheres!

Outro ponto importante que me fez optar por esse gênero textual, foi a oportunidade que tive, nessa interminável quarentena, de participar do III Ciclo de Leituras e Estudos do Pensamento de Paulo Freire, e a metodologia que utilizamos foi a troca de cartas entre diferentes grupos participantes do curso. Diante do quadro de imensa gravidade que estamos atravessando, num contexto de tantas dores, vivenciar os momentos propiciados pelo Ciclo foi ao mesmo tempo um respiro e um sopro de esperança. Nele, redescobri o prazer de escrever livremente, sem as amarras acadêmicas.

Como mulheres-professoras, e ainda pior se mulheres-mães, acredito que compartilhamos da angústia de olhar para nosso entorno, analisá-lo de forma a compreendê-lo em sua totalidade, e ver-se permeada de incertezas, insegurança, medo, indignação. A humanidade está diante da maior catástrofe desde a Segunda Guerra Mundial. A PANDEMIA, causada pelo coronavírus (Sars-coV-2), alterou de forma abrupta rotinas e sentimentos da população mundial.

O fechamento das escolas, a suspensão das aulas presenciais, para mitigar os efeitos da PANDEMIA, transformou a nossa casa, especificamente o meu quarto, da noite para o dia, em meu ambiente de trabalho, e nos deparamos – professores e alunos – diante de um enorme desafio: aprender-e-ensinar em um novo formato, denominado de Ensino Remoto. Nos 2º e 3º semestres de um curso de graduação, numa instituição pública federal, as dificuldades enfrentadas pelo corpo discente, em decorrência das condições econômicas e sociais que os atingem, tendo que assistir aula por meio de um celular, com familiares desempregados, contaminados ou vitimados pelo vírus, o número de alunos que vão ficando para trás somam muita dor e indignação à mulher-professora que sou, por saber que a educação é a única chance de um filho da classe trabalhadora romper com as cercas da ignorância, da pobreza e do descaso social que estão no seu entorno. Mesmo diante dessa realidade, é difícil também ter que ouvir e aceitar – não sem esbravejar - quem afirma e defende que o ensino remoto foi/é a nossa melhor alternativa. Aceitar a cobrança que aprendamos a utilizar, além do *Google Classroom*, o *Google Meet*, o *Google Forms*, *Google Trainner*, o *Canva*, o *Zoom*, e tantas outras que pareciam uma lista sem-fim que exigia de ambos – corpo discente e docente – uma rápida e forçada adaptação.

Enquanto a mulher-professora tenta digerir a realidade educacional dos seus alunos, tentando incentivá-los, sem, no entanto, deixar de fazer uma crítica ao modelo de educação que busca, por meio dos conteúdos, da avaliação em larga escala e da formação de professores, a padronização e tem tendência à objetificação do indivíduo, no quarto vizinho, minha filha, recebe aulas também de forma remota. Cursa o 3º Ano do Ensino Médio, é o ano de se submeter ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e assim como tantos outros jovens, sonha em ocupar uma vaga na universidade pública. Mas, para o contexto pandêmico, não existiu e nem existe preparação. Mais importante que o resultado de uma prova, é manter viva a esperança, a fé e a saúde mental, tão afetadas nesse contexto, principalmente entre os jovens.

O que faz a mulher-professora, a mulher-mãe, frente a isso? No mínimo, tenta acolher. Pois, embora angustiada e, em muitos momentos, desesperançada, parece que, para uma imensa maioria de jovens, somos nós – os professores – o elo perdido entre a realidade e eles.

Enquanto passamos os dias trancafiados, o vírus se espalha e as notícias são as piores, milhares de pessoas no mundo todo estão morrendo e ele se aproxima e chega aos conhecidos, aos amigos e a sua família. São seus irmãos e sua mãe que se contaminam, e cada hora do dia é decisiva. A cada amanhecer você agradece que o quadro do irmão ou da mãe contaminado não se agravou, não apresentou febre e respira bem. Nunca antes a vivência do luto foi tão coletiva e nunca foi tão difícil chorar os nossos mortos. Os números não dizem da nossa dor e não conseguem exprimir a perda de parentes, amigos, conhecidos/desconhecidos, próximos e distantes.

E como se não bastasse a PANDEMIA, temos que “conviver” com um Governo que nega a necessidade do isolamento e do distanciamento social, do uso de máscara, do álcool em gel e, o pior, da VACINA. Um Governo que despreza a ciência, a educação e, principalmente, a vida do povo brasileiro. Com um atraso enorme na compra de vacinas, a imunização ocorre de forma muito aquém da capacidade que nosso país tem de imunizar sua população.

O momento que vivemos é de certo desalento, pois lutamos para estar vivos e para continuar acreditando em dias melhores. Apesar das inúmeras vidas perdidas na pandemia e da situação de fome e desemprego que afligem nosso país, dedico esta a outras tantas Mulheres-mulheres, Mulheres-mães, Mulheres-professoras, Mulheres-pesquisadoras, Mulheres, e a encerro com esperança, não a esperança da pura espera, esperar não é espera, mas com a esperança da ação, como nos mostra Fátima Freire em “Atos de esperar em tempos de barbárie”.

Abraços afetuosos e que em breve esse abraço aconteça da melhor forma possível: presencial.

*Maria Madalena da Silva, licenciada em Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação. Mulher, mãe, professora militante por uma educação pública, universal, plural e de qualidade.*





## Agosto de 2021 – Ceará

Saudosa vovó, Maria Holanda,

O ano é 2021, agosto – mês de muitas alusões, dentre elas, cultura, arte e história. Incrível como são referências próximas de tudo que a senhora nos representou em vida, muito embora vivendo num sertão cuja inópia se fazia presente de maneira recorrente, entretanto, mediante às dores vividas, o sabor da arte escorria em seus escritos, suas cartas simples e corriqueiras – um viva aos comboios de jumentos, afinal, eles foram a maneira possível de legitimar seus textos, sua voz, seu ensejo!

Vovó, estamos vivenciando tempos estranhos, doloridos, fadados ao medo e à solidão de ser mulher, menina ou bicho estranho. Ora penso que passará daqui a alguns meses, ora me acostumo com a eternidade que há desde março de 2020, pelo menos aqui no Brasil. Por falar em Brasil, a senhora não ia mais gostar daqui, sabe? Acredito que a frequência das cartas tomaria uma proporção gostosa para quem fosse recebê-las, é, eu sei, pensar requer tempo e coragem! (risos).

Estamos em quarentena, acredita? Imagina só, resguardar-se uns dos outros por medo de um vírus, e, diga-se de passagem, ele tem levado tanta gente incrível, tem feito a saudade e a dor carregarem nossos olhares para um desorizonte tremendo, a sensação é de impotência, vó! E nós, mulheres? Nós que somos tão potentes em bocas amiúdes, geralmente bocas masculinas, e tão pequenas quando resolvemos não reverenciar! Imagina daí, vovó, viver numa sociedade de desrespeito aos nossos corpos, nossos desejos e a nossa existência, esta que, por sua vez, titubeia ao menor sinal de negação. Tem sido esdrúxulo permanecer nesse espaço masculino, eu até tenho tentado cuidadosamente conviver com essa vil sociedade, o que me traz inúmeras questões à

senhora e às tantas mulheres que, assim como eu, sentem-se desoladas e fora do devido direito de existir.

Nós estamos sempre à mercê do patriarcado, sistema que fez parte do seu legado e quase um século depois segue fazendo vítimas e sangrando nossos dias cada vez mais. A naturalidade nos noticiários de TV ao relatar violências aos nossos corpos tem sido cada vez mais estarrecedora, visto que quem está noticiando são eles, eles, vó. Eles são o nosso maior desafio de vida, os homens. Como que a senhora leria essa perversidade, essas práticas atrozes, esse mundo exclusivamente masculino e de insultos?

Estou triste por escrever algo que não agrade à senhora, é que particularmente tem sido um momento pandêmico duro de resistir, todos os dias essas violências, o dia todo, é como uma repetição de uma velha fita cassete nas nossas salas, quartos e cozinhas, esse tem sido o fantástico mundo dos homens! Estive pensando em quando envelhecer, como serão meus questionamentos, em que momento cansarei de rebobinar a fita e explicar mais uma vez sobre como estamos sozinhas nisso tudo, aliás, nós somos sozinhas, independente de virmos do sertão, como a senhora, fomos criadas para não termos e sermos nada, apenas para servir, servir e servir.

Bem, eu sou uma mulher de 28 anos escrevendo para uma que nasceu em 1915, até imagino que seria complexo conhecer alguns termos, pelo menos em se tratando da etimologia, porque em matéria de viver o que eles representam, a senhora soube muito. Eu queria acrescentar uma dor vivida nesse momento no Brasil, que é a nossa solidão – ela tem feito companhia a muita de nós, principalmente quando se tem consciência do que se é, daquilo que enfrentaria e do que nos é silenciado! Nós, que a vida inteira lidamos com o desamparo do sistema, somos as que amargam na própria companhia, cujo grito é ofuscado por um filho, um neto, um esposo, ou um irmão. Sempre eles, não é, vovó? Será que a senhora percebe em minhas palavras um misto de revolta com reparação histórica – ainda que no ato de questionar?

Vovó, desejo que a nossa voz tenha um espaço abrangente, pelo menos entre nós, os homens são o estorvo social em muitos aspectos, ainda mais em se tratando de ser mulher e exigir o mínimo que podemos – sermos ouvidas!

Espero que esteja bem!

Com afeto e respeito,

*Nirly de Holanda.*

*Nirly de Holanda, professora da Educação Pública e amante das artes,  
apaixonada por conversas antigas, documentos seculares e músicas que a  
retirem do caos social.*

# **CENAS DA QUARENTENA**



## Amor também é cansaço

Era tarde de terça-feira quando recebi um convite para escrever sobre a pandemia. Sobre ser mãe, ser mulher, ser mulher-mãe-solo na pandemia ou qualquer coisa tão profunda e confusa quanto tudo isso junto. E só uma pessoa como eu, que não está conseguindo nem fazer um texto técnico, aceita um convite desses. Um chamado que exige clareza mental, inspiração, um tanto de poesia no coração (independentemente do gênero literário que se escolha). Poesia é coisa que eu sei colocar nos meus dias. Não aquela métrica perfeita, frases curtas, vocabulário rebuscado, rima rica. Falo daquela poesia de fazer cor em dia cinza, de ritualizar as coisas simples, um almoço de sábado, uma pedalada sob o sol de inverno. Eu sei poetizar a vida, mas ela tem exigido muita imaginação e otimismo pra ser lírica ultimamente.

Como uma boa mulher criada pra duvidar de si mesma e sempre achar que não merece os presentes e convites que recebe – a tal Síndrome da Impostora, sabe? –, desatei a duvidar de mim. Será que sou capaz de escrever algo que alguém queira ler? Fazer um texto simples, mas que toque o coração e que seja ao menos uma pequena distração nesse momento que precisamos tanto disso? Eu sei escrever coisas simples? E eu sei ao menos escrever alguma coisa? (Pronto, nesse momento eu já nem era mais alfabetizada, de tão incapaz que me senti em realizar essa tarefa.) Será que alguém vai querer ler as minhas impressões sobre todas as formas de loucura que tomaram conta de mim? Bom, mas uma coisa eu garanto, o confinamento tirou a pouquíssima sanidade que me restava e coragem tá diretamente relacionada à loucura, não é? Ninguém está pedindo respostas e soluções, então eu posso ao menos trazer mais perguntas.

Sendo assim, com pouca inspiração, mas com um monte de confusão acumulada, dentro de casa com uma criança, aqui estou



eu jogando meus anseios dos dias que já fazem montanha nesse apartamento.

Eu sei, ninguém aguenta mais falar disso, muito menos ler. Mas como a gente se cura sem transbordar? Adepta de terapia, quase uma evangelizadora, sempre acho que expressar é muito mais saudável que reter. Se você já não suporta mais ler sobre pandemia, pior, uma mãe reclamando de exaustão na pandemia, entendo se passar para a próxima autora.

Enquanto escrevo, já estamos há mais de um ano em pandemia – que mais parecem dez. No início de tudo, acreditei que esse inferno duraria uns três meses e me perguntei: “Será que teremos festa junina em 2020?”. Socorro, quanta inocência! Mas como a história só existe olhando para trás, naquele momento eu era apenas um ser humano vivendo e tentando fazer prognósticos otimistas.

E quando me vi nessa situação, achei que seguir dicas de internet, *5 passos para manter a saúde mental na pandemia*, seria uma boa ideia.

1) Divirta-se como pode!

Particpei de algumas festas virtuais, onde pessoas desesperadamente dançavam em frente a uma tela, numa tentativa atormentada de se manterem minimamente sãs. Claramente se um extraterrestre assistisse àquela cena poderia achar qualquer coisa, menos que era um retrato de sanidade.

2) Mantenha-se informado, mas não muito, senão dá vontade de morrer!

Acompanhei de forma religiosa as notícias. Número de mortes, porcentagem de ocupação dos leitos, gráficos de contágio e internação. Tornei-me uma especialista em Coronavírus (se cuida, Atila!)<sup>1</sup>, até o momento em que desliguei tudo que pudesse me conectar a essas atualizações. Pronto, decidi: continuarei tomando os cuidados, sem acompanhar as notícias, até o dia que

---

<sup>1</sup> Referência ao pesquisador Atila Iamarino, que ganhou notoriedade com seu canal de divulgação científica sobre o Coronavírus nas redes sociais.

tudo isso terminar, afinal, quando terminar não precisará de rede social nenhuma pra que eu saiba a grande novidade.

### 3) Movimente o seu corpo!

A 15 dias do fechamento de tudo, estava eu confiante e certa que meus dias de sedentarismo pós-filho tinham acabado: fiz um plano anual na academia mais próxima do trabalho. Sem falar no arrependimento, segui pagando o plano e tentando fazer as aulas remotas de ginástica localizada, pilates, yoga, treinamento funcional, um tal de Hiit. O resultado foi um ódio mortal a qualquer discurso motivacional, uns inevitáveis quilos a mais e uma dor na lombar.

### 4) Aprenda algo novo!

Meus amigos tentaram seguir com oficinas virtuais de música, ensaiamos para tocar em blocos de Carnaval – quando houver Carnaval. Inspirada nos músicos do Titanic, tive certeza que era a melhor coisa a se fazer no fim dos dias. Então comecei a ter aulas remotas de zabumba. Do zero. Ainda não fui xingada por nenhum vizinho, as únicas reclamações que escuto são da minha própria prole.

5) Faça planos para quando tudo isso passar, porque vai passar!

Contabilizo hoje um total de três viagens compradas e canceladas desde o início da pandemia. Uma foi comprada um mês antes e as sonhadas férias ficaram só na fantasia mesmo, pois a data do voo era exatamente no mês do pico da primeira onda. As outras foram momentos de desespero, meu deus, não sei o que faço! Vou viajar, comprei. Claro que não tinha saúde, nem clima e elas nunca significariam o alívio que eu estava imaginando pra mim.

Além dessas regrinhas, fui construindo meu próprio jeito de (r)existir como mamífera detentora de polegar opositor. Li muitos livros, mas também já passei meses sem conseguir terminar de ler uma única página. Escrevi desabafos no meu diário, enquanto me senti órfã de palavras, de ideias. Entrei no Tinder com a ideia de cultivar *crushes* em potencial para quando fosse seguro encontrar pessoalmente (mulheres, não façam isso!). Já mediquei meu

cérebro com memes que salvam a vida – não sei o que seria de nós não fosse o senso de humor nas horas mais desgraçadas. Lavei muito pacote de batata palha, dancei sozinha na sala, chorei debaixo do chuveiro, senti frio, senti calor de 40 graus, senti frio de novo. Deus, é o segundo inverno desse período e lá vem mais um verão carioca pra fritar o resto dos meus neurônios. Enfrentei a angústia de ter os pais com essa doença que afasta e faz terror psicológico, e experimentei o inenarrável alívio com a cura dos meus dois portos seguros.

E o meu filho, onde estava nessa história? Ah, ele estava no meio de tudo isso. Já faz um tempo que não dou ouvidos aos tais *5 passos para ser uma mãe perfeita...* De maternidade real, eu sou uma referência entre minhas amigas. Na nossa vida real, ele estava mergulhado nas minhas tentativas de ser uma mulher menos atormentada para, conseqüentemente, ser uma mãe amorosa, empática, mas longe dos contos de fadas, da romantização que nos oprime. Tento manter o compromisso de conexão com a realidade que nos abraça ou nos esmaga.

Ele sempre esteve aqui, balançando na rede, me vendo afogar meu desespero em latas de cerveja em plena quarta-feira. Planejando juntos o aniversário do carneirinho (imaginário), com direito à decoração, bolo (imaginário também, óbvio!), presentes, convites pintados à mão e brincadeiras no meio da sala. Trancado no quarto enquanto eu tocava descoordenadamente a zabumba e a professora dizia: ótimo, agora toca um xaxado! Voltando a compartilhar a cama, pois o isolamento e a falta de socialização bateu forte em nós.

Uma noite, na hora de dormir, ele tremia e dizia: eu amo tanto a minha família, eu não sei como demonstrar isso, eu amo tanto, tanto... E naquele momento meu olho se encheu de lágrima com a certeza de que ele estava vivendo a epifania e a angústia do entendimento da impermanência da vida. Ali ele estremeceu de medo de perder o que é o mundo inteiro dele: nós. E naquele dia enfrentamos mais um abismo juntos.

Eu sigo tentando ser mais indulgente comigo. Entendendo que tudo bem nunca terminar o balde de roupa suja; trabalhar na sexta até 22h e contabilizar mentalmente quantos dias naquela semana meu filho escovou os dentes antes de dormir; querer quebrar o notebook ao ouvir na reunião on-line que em pandemia ninguém tem que tirar férias, pois já estamos há um ano e meio de “praticamente” férias. (Sim, palavras de um homem!) Ou fechar a câmera e apenas respirar fundo quando você escuta que cotas para mulheres em cargos de poder é muita “força de barra”, pois se elas não estão lá é porque não são tão competentes assim. (Claro, novamente um homem!) Tudo bem me esconder quando na aula on-line do meu filho a professora diz: Gael, fala pra mamãe que a professora precisa falar com ela, pois não está recebendo seus trabalhos. E responder mentalmente: não está recebendo porque ele não está fazendo, porque o mundo tá acabando e aqui não estamos priorizando produtividade.

Perguntam: como você dá conta de ser mulher, profissional, mãe, cuidar da casa, ter rotina de autocuidado, estudar, realizar sonhos? E eu respondo: eu não dou conta. São pratinhos demais pra equilibrar e estou me acostumando a vê-los cair sem que o peso da culpa me esmague. Mas além de exaustão, será que tem lugar pra falar de solidão? Será que vale a pena a gente falar do medo de adoecer e não ser cuidada?

Hoje eu queria acelerar a vida. Ou seria rebobinar para antes disso tudo?

Para não terminar esse texto tão baixo-astral, sempre cabe falar de amor. E sobre amor, aqui em casa, aprendemos muito. Nós nos amamos muito mais na segunda-feira que na sexta, afinal amor também é cansaço, são os limites da nossa humanidade frágil. Amor é café da manhã juntos, mesmo quando acaba a manteiga. É sala bagunçada de brinquedo. É perder a paciência e depois pedir desculpa. Meu desejo é que de amor a gente sempre saiba falar e fazer.

Isso de ser forte não tem nada a ver com ser inabalável. Que o choro curador seja nosso cobertor à noite, pra que a dor não fique

represada na garganta. E que a gargalhada seja tão intensa quanto. Que saibamos usar nosso poder de vida-morte-vida, pois nosso nome é renascimento.

Somos mulher, e ser mulher é foda.

*Priscilla Venancio*

*Priscilla Venancio é mulher, mãe do Gael, feminista, cearense  
residente no Rio de Janeiro, funcionária pública em horário comercial e  
sonhadora em tempo integral.*



## Saúde psíquica e novas rotinas

A Pandemia! Quantas mudanças. Inicialmente parecia que iria paralisar, o que gerou medos, inseguranças e tantos outros sintomas físicos e psíquicos.

Como viver sem “nada a fazer”, quando se está acostumada a tantas tarefas e papéis? Esse foi meu primeiro questionamento! Ser mãe, profissional, esposa, filha; parecia que tudo deixaria de existir e essas incertezas trouxeram à tona muitos medos. O que farei neste mundo?

A paralisação integral das atividades laborais trouxe a maior possibilidade e tempo de exercer o papel de mãe, que, para mim, tem sido muito desafiador, sabe por quê? Pelo fato de estar do lado oposto ao que me causa uma ilusória segurança. O planejamento! Experimentar esse papel, ainda novo para mim, tem sido um grande desafio e uma eterna aprendizagem, pois está recheado de imprevistos e incertezas.

O início das restrições ocorreu em minha cidade no dia posterior ao aniversário de 1 ano do meu filho! Foi exatamente uma despedida temporária de reunião familiar, embora não soubéssemos que seria assim, pois até aquele momento tudo ainda parecia muito longe: os noticiários ainda eram focados, de forma mais intensa, em como estava ocorrendo em outros países. Por isso não tinha consciência de que o novo estava por vir, até que, dois meses depois, meu filho teve sintomas e foi medicado; em seguida, meu esposo, também com sintomas, resolveu isolar-se! E AGORA? Darei conta de ser mãe sem a ajuda do pai? Os questionamentos e incertezas começavam a crescer e, junto a eles, mais medos!

Resultado negativo do esposo. Alívio por um lado e início dos sintomas em mim por outro lado, porém, de forma tão amena que nem levantei suspeitas de ter sido acometida pelo vírus. Até que minha mãe, como profissional da saúde, foi submetida ao exame e testou positivo. Automaticamente todos nós também



fomos fazer ou repetir o exame e... todos estávamos com o vírus: meu filho, meu esposo, a babá, a secretária e eu!

Outra novidade, em minha família nuclear: somente meu pai não estava com o vírus, e, para protegê-lo, precisávamos manter distância. Foi neste momento que o sofrimento psíquico chegou ao cume. Olhar de longe quem você ama, dar um aceno... No caso do meu filho, que, ainda sem consciência da gravidade dos fatos, pedia os braços do avô e lágrimas rolavam de todos os lados. Passamos a contar os dias, a fim de que pudéssemos fazer novos testes, e a cada quinzena a notícia de que continuávamos transmitindo. Interessante que por mais que tentasse focar em outras atividades, eu não conseguia, e aí o tempo deixava de ser cronológico e passava a ser existencial, com a impressão de que ele não estava passando, o que era reforçado a cada resultado de exame em que continuávamos transmitindo; logo, não tínhamos a cura e a esperança em novos tempos, para finalmente podermos estar próximos de quem amávamos. O tempo parecia escorrer pelas mãos.

Precisava focar em algo positivo, senão iria literalmente enlouquecer. Sem trabalho, enclausurada, longe de quem se ama, sem conseguir focar em atividades para passar o tempo, o que visualizar de bom? É aqui que as possibilidades se abrem: embora todos estejamos com este vírus, nenhum de nós está com graves sintomas, estamos em nosso lar, em momento nenhum precisamos ir a hospitais e ficarmos de fato separados. E embora de longe, sabemos que nossos familiares estão bem, também podemos receber o acolhimento da equipe de saúde da família do bairro, enfermeira e agente de saúde ligavam e davam o apoio que estava ao alcance delas.

Neste momento, em que as coisas boas tornam-se mais aparentes, nova energia começa a circular e, aos poucos, vamos dando novos olhares a situações que pareciam desesperadoras...

Como mãe, vou experimentando ser criança, brincar no chão, conviver com brinquedos espalhados e rir de coisas bobas, como bolas estouradas que trazem gostosas gargalhadas do meu pequeno.

Como esposa, vou valorizando como é bom ter alguém do lado que diga: tenha calma, vamos sair dessa.

Como patroa, vou exercendo a empatia ao tentar ajudar a babá e a secretária em atividades diárias.

Como filha, percebo o quanto é importante e saudável a presença de pais que te encham de carinho e acolhimento.

Como profissional, o convite para ministrar aulas de forma remota encheu o coração de esperança.

Como aluna, inicio uma pós-graduação por uma renomada instituição do sul do País, em que provavelmente não faria se fosse de forma presencial.

E novos sentidos são dados aos empecilhos que este período tão extenso de mudança tem nos imposto.

*Ana Aristênia*

*Ana Aristênia Mendes é administradora de empresa, psicóloga organizacional, mãe do pequeno Joaquim, esposa, filha e leitora de romances. Ela é fascinada em ministrar treinamentos.*

## Diferimento

Eu nunca fantasiei, nem nos meus piores devaneios, que durante minha experiência mundana presenciaria tanto infortúnio em tão pouco tempo. A pandemia aconteceu e continua nos assombrando com a incerteza do amanhã. Às vezes, deparo-me com pensamentos em um turbilhão; parece-me que todos os acontecimentos se reinventaram na caixa de Pandora e se tornaram um bizarro pesadelo coletivo.

Confesso que ainda acordo sobressaltada, imaginando se poderei um dia me libertar desse tenebroso aprendizado. É um grande sufoco! Os dias são agoniantes, a morte é um desconsolo, a ansiedade continua assolando o existir...

O choro, ainda que passageiro, é doloroso de se ouvir. Por isso tento, incansavelmente, encobrir meus olhos, para não vislumbrar tanto despropósito, apesar de ser quase impossível não ouvir repetidos paradoxos.

Admito, nessas entrelinhas esgotadas, que prolongar essa caminhada tem sido bastante penoso, mas poder abrir os olhos e sentir mais uma vez o cheiro do café e ouvir a risada do meu anjo protetor (mamãe) ainda me faz querer persistir.

*Leila Fernandes*

*Leila Fernandes é fã de Harry Potter, aprendiz de poeta, curiosa pelos mistérios da vida e fascinada pela literatura fantástica.*

## O mundo estava acontecendo

O mundo estava acontecendo.

Eu estava monótona.

Estava parada.

Estava com a cabeça distante demais para que pudesse pensar em algo concreto.

O quadro com suas pinturas moventes, que as pessoas chamam de paisagem, e o quadro de janela, estavam lá, anexado à parede do meu quarto, à parede do quarto da minha mãe. Eu apoiava meus dois braços no parapeito e observava de dia. Poucos carros, o vento chacoalhando as árvores do enorme terreno baldio próximo ao condomínio. Algumas pessoas com os rostos cobertos pelas máscaras passavam pela rua. Elas estavam acontecendo, assim como o mundo. Mesmo que não parecesse.

Sair de casa minimamente era um alívio. Quando meu pai ia ao mercado, ele me chamava, porque sabia que eu estava querendo respirar. Não que eu fosse fã de sair com frequência antes da primeira notícia do vírus na China, mas eu gostava de tomar a decisão de não sair de casa, e não porque ficar do lado de fora era um risco para minha vida. Então eu descia com ele, de chinelas e roupa de casa mesmo, colocava os fones e apoiava meu rosto do vidro da janela.

Tudo estava parado, monótono. Mas estava acontecendo, mesmo que não fosse fácil perceber nos primeiros momentos.

Parecia-se com aquelas cenas em filmes, onde o que se mostra na tela é apenas uma paisagem. Momento contemplativo, como algumas pessoas chamavam. E passavam-se os minutos, e a tela estava focada em campos, no céu, cidades, rios atravessando bosques.

Só que ali não era um filme. Era a vida. E a vida estavam presa nesses momentos contemplativos bem mais tempo do que alguém consideraria adequado.

O ensino a distância não ajudava também. Todos os dias foram se tornando os mesmos, e meu cérebro estava se cansando. Quando eu era criança, e gostava de um filme, eu o assistia repetidas vezes, e não me cansava. Agora eu não era mais criança. Agora o filme estava se repetindo várias e várias e várias vezes. E eu estava cansada.

Tudo era exaustivo. Levantar da cama, piscando os olhos pesados, e fazer esforço para mover um corpo que não queria ser movido. Eu gostava do meu corpo, o achava bonito. Me sentia feliz de estar passando por aquilo e não estar cansada dele. Ele era (e ainda é) uma das únicas coisas que vai estar comigo até eu morrer, então gosto de gostar dele.

Eu gostava de mim no geral, e achava um desperdício estar naquele estado.

Havia momentos que eu não sentia nada, porque não havia nada para fazer. Ficava apenas parada na cama, de barriga para cima, olhando a palidez do teto. E não sentia nada. Doía. Doía muito. Acho que qualquer pessoa sentiria doer também. Acho que qualquer pessoa é pessoa demais para ficar sem sentir nada.

Estava cansada. Precisava de algo para levantar o ânimo.

Depois de um tempo, comecei a ver vídeos de pessoas pintando quadros. Eu achava aquilo lindo, algo completamente irreal e etéreo, fora da realidade, e confesso que fiquei surpresa quando percebi que poderia pedir aos meus pais para comprar telas e tinta. Eu fiz o teste uma vez, e entendi porque as pessoas gostavam tanto daquilo.

Então eu entendi uma coisa: eu tinha mais tempo. Estava em casa, meu porto seguro. Tinha mais tempo, já que meus professores estavam passando menos tarefas. Estava segura. Eu conseguiria tirar algum proveito disso. Poderia fazer da minha casa meu pequeno e temporário mundo.

Quando a escola não ocupava totalmente minha cabeça, comecei a relaxar mais. Descansava a vista em algumas tardes, pintava quadros (que nem sempre ficavam bons, mas isso não era tão importante), experimentava receitas da internet (que também

não davam certo sempre, mas o que valia era a intenção) ou ficava no quarto assistindo televisão ou lendo (ah, meus livros...). Quando a situação amenizava, ia vez ou outra na casa de amigas, para que pudesse ter certeza de que o mundo lá fora continuava de pé.

Às vezes eu ainda me sentia monótona. Me sentia parada, piscando várias vezes para o teto pálido do quarto. Mas ficava bem depois. Me sentia parada, e ficava bem depois. Era um ciclo, e eu tinha aprendido a lidar com isso de algum modo. A aguentar mais firmemente.

Tinha entendido que, apesar de tudo, o mundo estava acontecendo.

E eu também.

*Marina Noronha Lemos*



*Marina Noronha Lemos tem 15 anos, e mora em Fortaleza-CE. Adora gatos, ler, se apaixonar por personagens e casais fictícios. Descobriu recentemente que gosta de pintar quadros e que ainda tem muitas coisas que quer fazer enquanto estiver viva.*

## Os diferentes efeitos da pandemia

Antes da quarentena, eu tinha uma vida muito movimentada. Viajava de Sobral para Fortaleza toda semana e tinha dois lares, mas mal parava em casa. Na verdade, eu queria mesmo era continuar me movimentando. A casa representava apenas o lugar para descansar e estudar.

Após esse momento de estar dentro de casa e só, percebi que o fato de permanecer em casa passou a ter um novo sentido, estabeleci uma rotina e valorizei cada momento dela. Fiz uma reorganização dos interiores, joguei muitas coisas fora e passei a me conectar fortemente com um lugar de passagem. É muito pequeno o meu lar, mas até agora ele representa o palco da música, da oração, da meditação, de conversas doces e difíceis com amigos e familiares.

Ficar em casa passou a ter um novo sentido, passou a ser uma descoberta do que havia dentro de mim. Senti que é importante que não busquemos fama, nem só dinheiro, nem poder pelo poder, nem liderança e tampouco o domínio da verdade absoluta. Mas, por outro lado, não podemos nos acomodar nas teorias, nas práticas e nos movimentos arcaicos. Temos que aproveitar mais a vida para sermos solidários e pensarmos em uma sociedade sustentável dando um basta nas mortes, no mofo, afastamentos e sofrimentos do nosso lado.

Aos poucos, esse desejo foi tomando conta de mim, foi se formatando. Com ou sem pandemia, é preciso começar com o respeito à nossa mãe natureza, os sonhos de nossa gente, o orgulho gay, o namoro lésbico, os direitos humanos. A meu ver, a pandemia evidenciou as possibilidades de enxergar as contradições que acontecem já há bastante tempo, em decorrência da nossa forma de existência, como, por exemplo: famílias perdendo tudo em enchentes, mulheres sofrendo violência em

suas próprias casas, pessoas indo trabalhar em ônibus lotados em meio à pandemia, desemprego em massa, pobreza e miséria.

Diante dessa reflexão, me veio a ideia de que ficar em casa para prevenir-se da Covid 19 me fez sobreviver, estudar, trabalhar, experimentar outras formas de vida, outras ligações sociais. Isso significa que fazemos parte de um grupo social, de uma mesma comunidade com oportunidades díspares, e implica que muitos morreram para que outros continuassem sobrevivendo, o que me dá a impressão de que andamos em círculos para retornarmos de onde saímos.

*Geane Albuquerque*

*Francisca Geane de Albuquerque é professora que gosta de ouvir, perceber a necessidade de cada um dos alunos e procura delinear novas formas de ensinar para atingir os diferentes contextos e estilos de vida.*



## Acolhimento

A saúde mental de nós, brasileiros, já se apresentava preocupante antes da pandemia. Com este cenário, esse problema foi potencializado, por isso a postura de escuta ativa e atenta fez o diferencial nas pessoas que puderam contar e se sentiram acolhidas nos diversos ambientes sociais, seja em contexto remoto ou presencial. Afinal, ouvir o outro atentamente é um ato de solidariedade e empatia. Acolhimento foi uma das palavras mais faladas ou escritas desde o momento que foi decretada a pandemia pelas autoridades sanitárias e governamentais. E o sentimento de ser acolhida e acolher foram muito fortes também.

Diante de tantas questões sociais que nos chamaram a atenção nesse período da quarentena, duas foram mais pertinentes para mim: o aumento do número de brasileiros passando fome e a violência doméstica contra mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência.

O agravamento da crise econômica e social no Brasil, diminuindo as oportunidades de trabalho e renda, acarretou na luta contra a fome em milhares de brasileiros. E nessa empatia com as pessoas que se encontravam nessa situação, fizemos correntes de solidariedade para diminuir um pouco o sofrimento de quem estava passando por essa situação, mobilizando pessoas para arrecadar alimentos não perecíveis, doando cestas básicas e distribuindo sopão às pessoas em situação de rua em pontos diversos da cidade. Afinal, frases do tipo: “ninguém é tão pobre que não possa doar” e “o amor que você recebe é maior do que o amor que você doa” me motivam à humanização e à solidariedade.

Desde o início da pandemia, em março de 2020, grupos mais vulneráveis, como mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência, passaram a ficar mais expostos com seus agressores, de forma que tal fato elevou a nossa preocupação com esse tipo de violência. Nas mídias sociais são apresentadas campanhas para

combater a violência doméstica, sobretudo no contexto da pandemia. Uma que me chamou a atenção foi a intitulada Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica, lançada pelo Conselho Nacional de Justiça e Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), em junho de 2020, tendo como ideia central que a mulher consiga pedir ajuda em farmácias, órgãos públicos e agências bancárias com um sinal vermelho desenhado na palma da mão. Para além disso, a intervenção da família, dos vizinhos e da comunidade, por meio de apoio mútuo entre diversos setores da sociedade civil organizada e denúncias aos órgãos competentes é uma forma legal e eficaz para reduzir a violência doméstica. Nessa situação, o ato de coragem é tão importante quanto o de solidariedade e empatia. Juntos somos mais capazes de cuidar melhor da saúde física, mental e social de nossa sociedade.

E para quem sobreviveu e está contando uma parte dessa história, teve a Arte como suporte para curar as angústias e aliviar os sentimentos de dores/perdas que nos acometeram no período de isolamento. Diante das ansiedades e incertezas da vida, consumir cultura através de livros, filmes, séries, palestras e exposições virtuais, lives de música etc. foi um bálsamo na busca de uma mente equilibrada, pois teve o objetivo de desviar do foco da pandemia e alimentar a esperança de dias melhores.

*Carol Gomes*

*Carol Gomes mora em Fortaleza/CE e vem de uma família grande de sete irmãos, é casada, mãe de dois meninos e trabalha na área de educação da rede pública municipal. Adora viajar e consumir artes em suas diversas categorias.*





# MULHERES

EM

P E S Q U I S A  
E V O L U Ç A O  
S O L I D A R I E D A D E  
N A T U R E Z A  
A U T O C O N H E C I M E N T O  
V Í N C U L O S  
C R I A T I V I D A D E  
R E F L E X ã O  
E X P E R I Ê N C I A  
A D A P T A Ç ã O

MUNDO → MOVIMENTOS → SENTIDOS  
CIÊNCIA → CURA → LIBERTAÇÃO

SINAIS DE VIDA:  
DESEJAR → SONHAR → REALIZAR  
BUSCAR → PROJETAR → CRIAR  
PENSAR → REGISTRAR → EXPRESSAR  
CANTAR → DANÇAR → AMAR

SER → CONHECER → AGIR  
SENTIR → VIVER → AGRADECER

CELEBRAR A VIDA!

ESPERANÇA

Mulheres em quarentena foi uma proposta interessante para refletirmos sobre a nossa condição humana atual, tendo em vista a situação inusitada pela qual todo o mundo está passando. O ser humano foi surpreendido pela resposta que há tempos poderia ter recebido de uma natureza esplendorosa, farta, disponível para relações harmoniosas, de trocas, de cuidado e de amor. Porém, depois de tanto tempo explorada e agredida, resolveu fazer um alerta para um dos seres vivos que se considera seu dono, e diante de um sistema mercadológico que tem como único objetivo o lucro, mesmo sendo um ser com capacidade de pensar e de saber que toda ação supõe uma ou várias reações, não está sendo capaz de perceber que ou muda suas atitudes ou, rompendo com a vida de Gaia, da mãe Terra, não haverá sobrevivência.

A relação do ser humano com o meio ambiente é uma relação de interdependência em que ambos devem se beneficiar um cuidando do outro. A natureza nos dá todos os recursos necessários à vida, porém, não são recursos inesgotáveis. Requerem cuidados, zelo, respeito, interferência positiva resultante das ações humanas. Freire (2011) nos coloca uma questão essencial na vida do ser humano – a ética. “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos.” (FREIRE, 2011, p. 34). Assim sendo, cabe ao ser humano escolher, decidir sobre o que faz, para que faz e o que acontecerá a partir de suas ações.

Esse tempo de distanciamento social levou as pessoas a diminuírem a velocidade de seu ritmo de vida, a terem que conviver mais com as pessoas com quem moram, desenvolverem a capacidade de se adaptarem a outras formas de comunicação, enfim, a refletirem sobre a linha tênue entre a vida e a morte.

A pandemia também revelou a importância da educação, das pesquisas, de relações mais harmoniosas, da solidariedade, dos vínculos, da criatividade, do autoconhecimento, enfim, possibilitou refletir sobre quem somos e a que viemos.

Além disso, quantos desejos foram podados, quantos sonhos adiados, quantas atividades paradas, quantas providências, antes consideradas urgentes, deixaram de ter importância? Creio que muitas pessoas resolveram modificar um pouco suas formas de vida, outras tantas, me parece, não entenderam muita coisa sobre a gravidade dos fenômenos. Outros nem tiveram oportunidade de parar, nem de pensar, somente de sentir medo do desconhecido, de um vírus mortal, mas a necessidade de suprir o sustento de suas famílias foi mais convincente de que o risco era só uma possibilidade da qual se poderia escapar. A realidade foi dura com tantas famílias; o desgoverno brasileiro muito contribuiu para que a situação fosse agravada, tanto através do negacionismo relacionado à ciência como pela negligência, dentre outras ações. Solidarizo-me com todas as pessoas que sofreram com o agravamento da doença e com a morte de seus entes queridos.

Mas, ao iniciar este texto, o objetivo foi falar da vida das mulheres no período de quarentena: o que será que mudou na sua rotina? A atividade profissional ficou parada? O trabalho doméstico diminuiu? As relações com os de seu convívio ficaram melhores? Houve mais proximidade? Houve mais ajuda? Houve mais reconhecimento de quão fortes elas precisam ser para dar conta de tantos papéis? São perguntas que, dependendo de quem responda, traz resultados que podem ser bem diferentes uns dos outros, porém, o que se viu e ainda se vê, porque ainda estamos vivenciando efeitos da pandemia, não é animador. Trabalho *home office* associado a outros papéis, confundindo-se ambiente pessoal e familiar com ambiente profissional, sobrecarregando, ainda mais, a figura feminina.

E o que se fez com tudo isso? Sobrou algum tempo para cuidar de sua saúde física, mental e espiritual? Houve energia para realizar atividades “guardadas” para fazer um dia, quando diminuísse seu ritmo de trabalho? Enfim, o que se fez nesse tempo em que não se podia sair para ver os amigos, para viajar, para visitar familiares?

Estas foram algumas reflexões que me chegaram na tessitura deste texto. De qualquer forma, creio que houve, sim, uma chamada de atenção para se pensar: Quem sou eu? O que é realmente importante na vida? Como um ser de relações, como me vejo, como me relaciono com os outros, como me relaciono com o meio ambiente? Que ações minhas são sinais de vida? O que estou a semear neste mundo?

Devo ressaltar que, apesar de toda a situação pela qual estamos passando, tenho a esperança de um mundo mais humano e mais justo, assim como diz a música “Laços”, composta por Gabriel Moura e interpretada por Nando Reis e Ana Vilela: “Laços de ternura e aliança/hão de ser a diferença/O impossível pode acontecer/Só amor é capaz de dar a vida/E encontrar uma saída/Pra esperança ir de novo a cada novo amanhecer”.

*Auricélia Gadelha*

*Auricélia Gadelha, por ela mesma: gente que gosta de gente.  
Mulher, mãe, avó, filha, irmã, professora, amiga. Acredita que o mundo  
pode ser melhor e luta para que as pessoas alimentem projetos de vida.*



# **POEMAS (RE)UNIDOS**





## Autoquarentena

Naquela manhã de sol (in)comum, ao pé da janela de flores, eu quarentenei.  
De vestido preto com desenhos de gatinhos.  
Olhava o céu azul sem o som dos pássaros, sem o cheiro de férias e preocupação.  
Minha mãe ligou assustada, com frases soluços e perguntas de busca.  
Quarentenar não era uma palavra simples para mim e para ciência.  
O que seria do amanhã sem...?  
O símbolo tinha tecituras diferentes.  
Quarentenar, em período, seria se isolar, lavar as sacolas da feira, tomar banho na chegada, usar máscara e respirar faltas de um tempo.  
Sei que quarentenar se aplica aos animais, aos mercadores, às pessoas de funções.  
Os animais quarentenam em árvores, em chão de quintal, atentos ao retorno das chuvas.  
Os mercadores quarentenam em caminhões, transporte de sobrevivência.  
As pessoas, em funções em empresas de benefícios para si e para os outros.  
Eu quarentenei no pé da janela de flores.  
O sol raiava desencanto entre as memórias.  
Comecei uma amizade de olhares com Benjamin e Crisóstomo.  
Conversavam comigo em manhãs solares ao passo de asas de beijar as flores.  
Para continuar, listei uma rotina:  
acordava em prece,  
contava a mozi os sonhos da madrugada,

banhava as plantas do “jardim  
não me deixeis” na intenção de pertença,  
cozinhou com receitas de meus afetos,  
iniciava um dia de continuidade do outro.  
Mas, eu só queria saber do mundo.  
Os noticiários doentes provocavam sintomas  
de um fluxo incurável.  
Eu tinha vontade de passear beija-flor  
porque contrariava as instruções dos doutores.  
Minha mãe... nunca estive só nesse tempo.  
No confinamento, ela me disse que conversava  
com suas plantas no fazer manhãs sem saída.  
Entendi que quarentenar seria aquelas manhãs  
feitas de plantas molhadas.  
Daí que mãe, que aprendera com vó,  
me instruiu a cultivar a vida  
no beijar flores.  
Eu continuo a quarentenar no pé da janela em flores  
de conversa solta com Benjamim e Crisóstomo.  
Ah! Bentivi apareceu cantando outros ninhos.  
Então, o fato novo é que o quarentenar  
transformou-se em esperar ao vacinar-se

*Lailsa Ribeiro*

*Lailsa Ribeiro é mãe de plantas, professora de literatura, desenhista  
e pintora de um tempo não contável.*



## O que há na madrugada

o que há na madrugada  
depois que os dias  
foram encaixotados  
em hora sem fim?

pelas ruas sei ser mais nada  
e sigo em busca de mim  
alguém  
abraços  
abandonos em conversas que não sejam coadas

saiba que pelas madrugadas  
nas ruas caladas  
com palavras desencontradas  
tudo era caos  
amargurado silêncio  
na existência de vazios imensos  
e caos  
– a descontinuidade de  
mãos em mãos –,  
insulares sentimentos  
que tremor virulento  
ilhou em menos todos

o que há na madrugada?  
nos dias?  
nas noites?  
vontade de passos  
desfazendo ausências

... menos dela  
...

*Ana Remígio*

*Ana Remígio é professora de Literatura e escritora que, até agora, só tinha publicado no baú. Gerencia a vida, para não deixar de viver: há o trabalho, mas há o lúdico... e o amor, as amizades... e a gratidão pela jornada!!!.*

## Quem restará desta terra de mágoas?

Quem restará desta terra de mágoas?  
Deste leito de rio, para sempre seco.  
Deste céu de um azul primaveril  
Que não alivia nunca.

O homem que passa,  
A senhora dos gatos,  
O bêbado da esquina  
Ou um cemitério de ratos?

Quem contará estas histórias infantis  
De um sorriso desbotado,  
De uma hora febril?

Nas garras de tantas mortes,  
Tantas, tantos, saudades imensas.  
Minhas flores murchas na varanda  
Deste claustro infinito de silêncio.

Quem restará dentro de mim?  
Depois de todos estes dias?  
Desta sanha louca, deste torpor,  
Senão uma palavra, vaga agonia,  
Um lamento de tristeza e de dor.

Apenas o vento noturno suave,  
Destas ruas desertas,  
Deste luto silencioso,  
Deste amargo sabor,  
Desta lenta nostalgia.

*Fernanda Cardoso*



*Fernanda Cardoso Nunes é poeta, pesquisadora e professora de Literaturas de Língua Inglesa da FAFIDAM/UECE. Ama a literatura, os mistérios da noite e a sacralidade da Vida e da Natureza.*

## “Travessia”

Suspirei fundo, eu ainda me recordo.  
Ela, com o telefone em mãos, como maternal ave com os  
olhos já me recobria com suas asas.  
Ele partira.  
Não... Ele passara!

." não, melhor... ",

Frio e sombras dançantes.  
Era julho dum distópico tempo. Num espaço cujas dimensões  
eu já desconhecia.  
Fui acolhida? Recebi alento? Envolviam-me ou não em meio  
às exigências caóticas deste ano  
ainda não historicamente refletido para ser escrito?  
Não sabiam o que dizer, fazer... E tudo bem.  
Na realidade não havia o que ser dito ou feito.  
Eu apenas creio que recebi a tudo, mas nada realmente tocou-  
me.  
Engoli em brasa sua ausência e ela me evaporou as lágrimas.  
Naquele dia minhas águas silenciaram e me deixaram.  
Têm retornado aos poucos.

Perdemo-nos enquanto partíamos de encontro com a sua  
carnal despedida e nem isso  
abalou-me.  
De alguma forma, eu sabia que ainda o veria.  
Mesmo que não mais aqui fora o ouvisse roucamente (regalo  
da graxa e da cola  
dedicado ao tecido de sua garganta

enquanto laborava seus requintados calçados), suas igualmente calejadas mãos ainda sentia sobre minha face sulcada. E ambas dentro de mim ressoavam.

Em meu ser oco, ecoavas.

Ainda ecoas.

Encontramo-nos por fim.

Teus lábios rígidos e colados. O ar que já lhe era desnecessário eu tragava profundamente, desafinada e suspirante como seu antigo trompete dos tempos de banda napolitana.

O ocre perfume de flores mortas que o envolviam, tão distantes de sua fragrância natural. Tal qual tu...

Nonno.

Quando agora eu alguém assim chamaria e em retorno me abraçaria sempre timidamente?

Era esta a acolhida. O alento. O envolver. As palavras e ações que eu desejava.

Mas elas não pertenciam mais a este aqui.

Meus “agoras” seriam preenchidos de ti de forma diferenciada daqui para frente.

Sim! Um daqui para frente onde sua história ressoaria, mas sem novidades. Puras, em tons de sépia. Embaçadas e ainda assim tão cristalinas.

As presenças ao meu redor, ainda que poucas, clamavam pelas conhecidas águas minhas.

Dei-as a eles, mas vazias, pois, como dito, não as tinha em mim.

Mas merecias mais, Nonno.

Eu fui pouco naquele dia por ti. E não há um porquê senão a tua ausência.

Ali estava então eu por mim. Apenas.

Tu já me habitavas há muito.

Inscrito em meu ser como nunca.

E então parti daquele jardim funesto com a rósea certeza de que o tinha cultivado em mim.

Hoje és Chiquinho no amplo reino que um dia cuidou tanto junto de minha Nonna. Anos depois, na ausência dela, comigo.

Seu perfume toma nossas narinas e sua imagem, agora a de um cândido jasmim, toca nossos

olhos, esbanjando a vida que alimenta suas raízes e que se estende por nossas terras,

fundindo-se com o mundo que, feliz e integralmente, nos abraça.

Estou nos seus braços, Nonno.

E neles cruzo este mar por ora revolto cá fora e minhas águas me preenchem gota por gota cá

Dentro, com a ânsia de ser nele e nelas o melhor barco que eu posso ser.

Por mim e por um nós tão maior que nós dois.

Tu e tantos que passaram.

Eu e muitos ainda verdejantes passantes.

Viventes entre tempos e espaços imperceptíveis.

O além possível singramos.

*Lira Dicetaro*

*Lira Dicetaro: Projeto de pianista. Rascunho de escritora. Um ensaio de atriz. Uma pincelada de pintora.*

*Blog: [blogaurorainspirada.wordpress.com](http://blogaurorainspirada.wordpress.com)*

# **CONTO PARA UM DIÁRIO**



## Em algum lugar, eu sou um jarro

Supõe-se que a imobilidade me daria tempo suficiente para imaginar o que errei durante minha vida para agora estar nesta situação. De todo, até que a existência não é má. Porém, eu não quero pensar no que fiz, até porque eu não sei o que fiz. Não me sinto culpado, abençoado, nada. Imaginem uma telha num depósito. É assim que eu me penso. O que me irrita excessivamente são pessoas que cultivam o hábito de sempre sorrir ao final de cada período, como se mostrar os dentes fosse uma obrigação sem a qual a conversa desabaria. Esses sorrisos insidiosos me instigam movimentos peristálticos violentos. Tenho vontade de desafogar-me desses panos, destas estranhas ataduras que me encham os vazios do corpo. Sim, me esvaziaram por completo. Eu sinto náuseas quando a senhora de seios fartos e suados me visita. Não me recordo ao certo de quem ela seja. Não me recordo de quase nada de antes. Quando penso, minhas lembranças são janelas de vidro atravessadas pela poeira da manhã. Mas dos esmagadores seios desta senhora terrivelmente risonha... eu me recordo.

É lógico que não me vem à mente apenas seios. Eles me preenchem. Eu gostava, e ainda gosto, de peitos. Pequenos, médios ou grandes. Da anatomia feminina, os seios são a parte mais despudorada de uma mulher. Que fiz eu com seios durante a vida? Ao início, os coloquei na boca, leitosos. Com o passar do tempo, provei outros: mordi, suguei, apertei, belisquei etc. Posso afirmar que uma das maiores faltas nesta condição é: seios. Evidente que falar faz falta, ouvir nitidamente também, mexer-me, controlar urina e fezes, lavar-me... Mas não poder mais tocar em seios, senti-los roçando em minhas mãos, em meu rosto... essa é uma ausência quase fatal. Caso eu morra, já sabem: complicações por falta de seios. Ou já estarei morto? Há algo dentro de mim, agora que sinto este impalpável vazio, que me diz



sem dúvidas que estou morto. No entanto, se sou, de fato, um falecido, por qual razão me sinto intensamente vivo? Naturalmente, não registro aqui uma reflexão complexa. Nem tenho como. Em vida real, por assim dizer, eu não complexificava nada. Saibam umas informações a meu respeito, para que possam reconstruir minha figura: nos idos de 2018, votei no..., usava uma bela blusa verde-amarela e gritava enérgico pelas ruas que minha bandeira jamais seria vermelha! Durante a pandemia que iniciou em 2020, defendi com unhas e dentes a imunidade de rebanho e sempre acreditei que o vírus era chinês e comunista. Também não gostava desses bigodudos que beijavam outros bigodudos, nem tampouco mulher com mulher. Por quê? Se em vida eu não sabia, por que acredita que agora, em pleno gozo da morte, saberei? Melhor não falar sobre políticas e doenças. Recordo-me muito bem de que não fui de esquerda, nem de direita, e meu lema era este: tem que mudar tudo que está aí e somos todos iguais!

Será que o mundo mudou?

Ou fui eu que mudei?

Creio que não. Eu sinto uma saudade de algo inespecífico, uma melancolia abafada eu diria. Porém, não me compreendo. Penso que fui um homem de ideias tortas e difusas. Continuo tão vazio na morte quanto o era em vida, no entanto, agora, meu interior está se liquefazendo. Do que me recordo com veemência, além das minhas crenças: fui um homem de família. Do bem.

Retornando aos peitos, pois política e religião são, a meu ver, assuntos proibidos e inimagináveis, mesmo para um morto. Já os peitos... não. Os peitos são uma unanimidade. Procuo compensar essa ausência observando as mulheres que circulam neste quarto. Vez ou outra aparece algum homem, careca, bicudo, narigão. Ou então um sujeito baixinho, de sobranceiras peludas e olhar sempre contrariado. Deve ser por causa da altura. Todo baixinho afronta o mundo com esse olhar. Sempre gostei de julgar as pessoas pela aparência física. Divertia-me esse ofício. Eu já não tenho noção da minha altura, nem do meu peso. Não me sinto. Parece que só tenho cabeça. Ignoro se sobre ela há cabelos.

Ninguém me mostra um espelho para que eu possa me lembrar dos meus olhos, nariz, boca... essas ilustrações que a gente carrega na carne e que vão se desfazendo com o tempo.

Pode parecer estranho, mas certa vez a senhora de seios olímpicos segredou a uma moça chorosa que “ele fez bem por merecer”. Eu escutei. Fiquei uma noite inteira tentando entender quem seria ele, o que ele fez por merecer. Não consegui descobrir. Em algum tempo, horas, dias, meses, não soube dimensionar, a menina parou de vir. Era ela que sentava ao lado, segurava minha mão e falava sobre água, bicicleta, gatos. Um dia ela me pediu um conselho, se deveria ou não morar com ela, a namorada. Pena que eu não pude ajudar. Eu não sei o que é morar, ainda mais com ela, e escondida. Um dia eu soube? Noto que as pessoas me olham como se eu soubesse perfeitamente o que elas falam. Eu sei que elas falam, pedem conselhos, sorriem, choram. Mas eu não entendo o conteúdo em questão, seus significados. Sempre fui assim? Impossível saber.

Outro dia, apareceu um velho todo de preto, com um pano roxo sobre os ombros, sisudo, grisalho, uns lábios bem finos avermelhados, cobertos por um bigodinho pintado de castanho. Chamavam-no de Padre. Me irritou isso de cabelo e bigode em cores diferentes. Ele sentou ao meu lado, abriu um livro grosso, reforçando tudo que envolvia os termos pecado, perdão, erros, caminho, verdade e vida. Se eu pudesse falar, perguntaria: e eu com isso? Enquanto aquele bigode se mexia falando o que parecia não ter fim, entraram na sala a menina, a senhora de seios avantajados e um rapaz magro.

Foi estranho porque de repente eu parei de ver o rosto de todo mundo. As pessoas foram se acinzentando. Eu vi uma área ampla e umas galinhas ciscando. Vi também uma roseira e debaixo dela um filhote de pato, chorando porque se espetara. Depois os rostos voltaram, bem nítidos. Eu ouvia vozes e um choro fraco. Uma porta se fechou. Só o bigodinho permaneceu.

Não sei quanto tempo se passou. Sinto apenas que foi depois. Depois? É, me colocaram em algum outro lugar. Eu fiquei dentro

de uma caixa confortável, grande. Não respirava mais. Nem tentava. Estar sem ar me deixava numa espetacular condição de estátua. Do que me recordo com nitidez é da voz do bigodinho, sussurrante, dizendo: “Já vai tarde, velho safado”. Velho safado? Tentei degustar essas palavras, mas elas escorriam, se esvaíam. Não deu tempo de pensar, jogaram muita terra em cima de mim. Terra escura, molhada, cheiro forte. Virei jarro? Mas de vez em quando me sobressalto tentando entender sobre política, blusa verde-amarela, bandeiras, homem com homem, mulher com mulher, pois, como vocês sabem, nos idos de 2018, votei em...

É mais fácil germinar.

*Sarah Forte*

*Sarah Forte, professora de literaturas em língua portuguesa. Gosta de escrever narrativas curtas, porém ainda é bem envergonhada – não sabe exatamente o porquê – para publicar um livro de contos. Um dia será sem-vergonha.*



## Chovia, lá fora

Ana Paula e Marta tinham 38 anos, Júnior, 58, e a Giselly, apenas 35. Giselly morreu uma semana depois da sua mãe. Nunca me assustei tanto com a morte. Não consigo me acostumar, embora natural. Foram muitos/as, milhares que não tiveram a chance de ficar. A pandemia, somada ao descaso do governo, nos forçou a uma triste convivência com a morte. São tempos nebulosos em que a dor foi acentuada, ao mesmo tempo em que deixava a forte sensação de impotência. Além da cruel realidade, é preciso saber lidar com os pensamentos. Eles são insistentes e perturbadores, às vezes eles me castigavam sem dó.

Chorei em silêncio.

Olhei para o horizonte procurando um refúgio. Percebi que o céu se solidarizava com a minha dor, escutou meu lamento, chorava comigo. Certamente queria me mostrar que o sofrimento estava longe de ser só meu. Sentia profundamente uma mistura de tristeza e saudade.

A chuva se intensificava. Gostava de apreciar a chuva, o seu movimento, os ruídos. A chuva me lembrava a infância e as brincadeiras nas ruas. Já não vemos crianças brincando nas ruas, as crianças e as ruas romperam o velho pacto da alegria e da aglomeração. É certo que as ruas já não são um lugar seguro. Onde é seguro?

Vejo o horizonte. A chuva. A rua. Não vejo as crianças.

Eu permanecia ali, calada, olhando – através dos vidros da janela – aquele bonito espetáculo da natureza. Respirei e me permiti ficar um pouco mais, imóvel, enfeitiçada, deslumbrada, entregue àquela cena. Não sei quantos minutos se passaram, mas lembrei que eu estava escutando o som da vitrola, Rita Lee a cantar “doce vampiro”. O último trecho que escutei foi: “me acostumei com você sempre reclamando”.

Estava tão envolta nos meus pensamentos que nem percebi que não escutava mais a música. Interrompi o som abafado pela chuva e vencendo a hipnose provocada pelo cenário, entreguei meu olfato ao maravilhoso cheiro que vinha da cozinha e que impregnava minha mente com informações gustativas diversas. Se não estava enganada, era galinha guisada, temperada levemente com vinho. Sendo mais criteriosa, sentia o vinho mais fortemente que outros temperos. O coentro, por exemplo, tinha uma participação complementar, apenas massageava meu apetite e intensificava o desejo (incontrolável) de comer. Senti uma fome imensa, devoradora.

Ensaiei dar um passo em direção da cozinha, mas minha atenção voltou-se para a casa. A casa estava vazia. Olhei em minha volta, conferi a estante com os livros e pequenos *biscuits* que enfeitavam as fileiras das prateleiras da estante, as telas e pequenas esculturas assinadas pelo meu amigo Miguel dos Santos, além do quadro com a fotografia de uma praia cubana de autoria do Bertrand. Me aproximei do quadro para ler a identificação da praia. Chama-se El Malecon, ficava em Havanna. Interessante, a fotografia era em preto e branco, ao fundo, a figura de uma mulher grávida, sozinha e observando o mar.

O que será que ela pensava?

Eu sempre cultivei a ideia de que quando uma mulher está quieta e pensando, está triste. Não sei se a mulher da foto estava triste, mas sei que aqui no Brasil estamos todas numa tristeza só. O isolamento decorrente da pandemia da Covid-19 aumentou a violência doméstica e familiar contra mulheres. Para as mulheres, não há sossego, há luta, permanente e incansável. A casa de grande maioria das mulheres não é segura.

Mas, aqueles quadros me falavam da presença dos meus amigos – aqueles que, como eu, tiveram a sorte de permanecer neste plano –, mesmo distantes, eles estavam comigo, na minha casa, talvez por isso eu tinha sempre a sensação de que estava sendo abraçada.

Lentamente, voltei o olhar para o lado esquerdo da sala e observei, pela enésima vez, aquela pedra gigantesca encravada na

sala de jantar. Lembrei-me, imediatamente, do poema de João Cabral de Melo Neto, “a educação pela pedra”, como ela (a pedra) é didática, talvez por isso seja o símbolo de resistência do nordestino, sobretudo das populações do semiárido. Ela é tão imponente!

Ao seu lado, aproveitando um cantinho entre a pedra e a parede, guardava alguns vinhos. Era um cenário tão bonito quanto o lá de fora! A chuva e o cheiro da comida me embebedavam. Fiz uma respiração longa e profunda numa tentativa de me encorajar a dar os passos seguintes. Fui me aproximando devagar da cozinha e com um pequeno movimento dos olhos vi aquele corpo branco, magro e longilíneo, que mexia lentamente a colher da panela.

Eu me sentia segura na minha casa. Mas sei que nem todas as casas são um refúgio seguro.

Lá fora chovia, a rua estava vazia, sentia o cheiro da comida e o admirava em silêncio.

Novamente confiro o movimento da chuva pela janela da cozinha. Ele estava sem camisa e integralmente concentrado na feitura do *plat du jour*. Não tive como não lembrar (novamente) da Rita Lee. “Sempre reclamando”, cantarolei em silêncio e abri um sorriso de canto de boca. Eu não podia traduzi-lo com esta frase, pensei. Por uma questão de justiça, concordei que a estrofe seguinte – “mas nada disso importa, vou abrir a porta pra você entrar” – refletia melhor a nossa relação.

É inacreditável! Como o tempo passou rápido! Há 35 anos abrimos a porta um para o outro. Que homem interessante! Voltei-me rapidamente para olhar a sala e fixei na foto dos três meninos. Naquela foto eles tinham 3, 5 e 7 anos. Senti uma imensa saudade. Passei a mão levemente sobre o meu ventre e, como num *flash*, os vi correndo pela sala aos gritos, risadas e falatórios. Eles voaram. A casa estava vazia sem eles.

A nossa casa é nosso castelo! Sempre uso esta expressão para lembrá-los de que pai e mãe são casa. Quando a vida os machuca, eles sempre procuram a casa para se curar.



Voltei-me novamente para a cozinha e estremeci com aquele par de olhos azuis que me fitavam serenamente. Soltei um pequeno murmúrio do susto.

Sentia fome, chovia, o cheiro da comida me aquecia, a casa estava vazia e ele estava a um passo de mim.

Nossos olhos dialogaram por alguns instantes, as bocas se cumprimentaram com um discreto sorriso e, em um leve movimento, nos abraçamos longamente. Não perguntei o que ele estava pensando, apenas me deixei ser abraçada. Com a cabeça encostada no meu ombro, no meu ouvido direito, bem baixinho ele disse: eu te amo! Eu respondi: Eu também! Nos beijamos. Já não era mais o beijo de 35 anos atrás. Era um beijo leve, sereno e cheirado.

Gostava de sentir o cheiro da barba dele. – Vinho? – perguntou ele. – Sim! – respondi. Voltamos juntos para a sala e em frente à porta branca de vidro, nos sentamos. A rua continuava sem ninguém, apenas a chuva, já mais fina.

Ele apontou para a roseira. Ela estava empoderada, com quatro rosas de um tom salmão. As pétalas molhadas resistiam à força da água e do vento. Lembrei-me das grandes companheiras de luta – Maria, Alci, Lígia, Claudia – amigas que já tinham envergado diante dos desafios, mas permaneciam firmes na luta. Elas eram uma grande inspiração para mim.

A pandemia redefiniu a dinâmica social, não nos permitia estar juntas fisicamente, mas, por outro lado, a pandemia me dava a grande oportunidade de um reencontro com ele. Nunca passamos tanto tempo sozinhos. Esta era a primeira vez em 35 anos que ficamos à sós, literalmente. Sentia medo pelo que acontecia e, ao mesmo tempo, gratidão.

Chovia, ele estava ali, a minha casa era segura, as rosas estavam lindas e a comida continuava perfumando a casa.

Relembramos as cenas da casa cheia, do barulho dos meninos, da vida corrida e dos amigos e amigas. Agora, isolados de todos e todas, nos permitíamos conhecer mais profundamente um ao outro. Aquela casa continuava sendo o cenário de um novo enredo, uma história com apenas dois atores. A vida gritava!

Era dia de trégua da luta.

Eu olhei para ele e cantarolei aquele trecho: “Sempre reclamando da vida...”. Rimos alto. – Mais vinho? – Sim, meu amor! Ele, com um terno sorriso, respondeu: – Minha amora! Rimos juntos.

(Por algumas horas me libertei das dores causadas pela tragédia brasileira: pandemia, fome, desemprego, desgoverno e estupidez.)

Enquanto isso, lá fora, chovia.

*Izandra Falcão*

*Izandra Falcão, mãe (de gente e de cachorros) e professora, feminista em construção, cunhantã levada e arengueira que vive e se inspira na natureza e nas pessoas. Sonhadora, quer um mundo mais justo, em que todos possam ser felizes. Ama os livros, a música, risadas altas, rodas de amigas e abraços.*

## Realidades

Antes daquela visita à tia, Lily não acreditava em magia. Bom, a casa em si de tia Jenna era meio etérea. O imóvel nunca parecia o mesmo a cada visita, mesmo não tendo uma reforma há décadas, e dentro era como se de repente todas as suas emoções fossem únicas, como se aquele sentimento fosse tão específico que você chega a pensar que nunca mais vai sentir nada daquilo. Mas claro que Lily nunca quis acreditar que aquilo significasse nada, afinal ela está naquela fase em que estraga a visão das crianças menores sobre Papai Noel e Fada do Dente.

Porém, na manhã de 18 de agosto, não tinha mais como fingir que não existia nada de diferente naquela casa. Sem querer – pelo menos é o que ela diz – a menina esbarrou em um cômodo que parecia que não estava ali antes, mas ao mesmo tempo a porta estava com um aspecto tão antigo. Foi aí que Lily começou a ficar confusa. Apesar de tudo, ela ainda era uma criança, e, curiosa, entrou no cômodo sem muita hesitação.

Quando passou pela porta, milhões de sentimentos invadiram sua cabeça. A maioria deles eram maravilhosos, o ar dentro daquela sala parecia mais leve, único. Olhou ao redor e encontrou a última coisa que esperava encontrar, ainda mais em grandes quantidades. Canetas. Todo tipo de caneta. Separadas em nichos pelas paredes do quarto. O chão aparentava ser macio, mas estava vazio. A única parede sem nichos cheios de caneta era a oposta à porta. Nela havia uma pintura de uma silhueta humana encostando algo fino na cabeça, o que – pensou Lily – devia ser uma caneta.

Fez o que achou que todo mundo faria, pegou uma caneta qualquer no meio de um dos nichos da parede direita, e encostou na cabeça. Sua visão ficou meio turva. Mas de repente ela voltou ao normal, porém não estava mais na sala da casa da tia. Olhou a sua volta. Estava ao ar livre, mas com certeza não na sua cidade. A caneta ainda estava na sua mão, porém não pesava nada. Foi quando

reparou numa música baixinha, com certeza a melhor melodia que ela já tinha escutado em seus 10 anos de vida. Lily olhou para trás, a fim de descobrir de onde vinha a música. Todavia, não tinha nada atrás dela, apenas uma mata branca que balançava conforme o vento. E com certeza a melodia não vinha dali, ou viria?

Apesar do ambiente totalmente desconhecido, a garota não conseguia sentir medo ou ficar assustada.

Sem muita preocupação em voltar para o cômodo na casa da tia, ela começou a andar. Árvores que antes ela só tinha visto no livro de Ciências ou Geografia começaram a aparecer enquanto ela caminhava. De vez em quando, um animal passava por ela, porém ou era muito rápido ou pequeno e ela não conseguia prestar muita atenção neles. Mas Lily, uma hora, viu um cervo passando por ela, e podia jurar que viu cordas finas e transparentes contornando os chifres do animal como se formassem um instrumento. E sem dúvida alguma, Lily, após passar por uma árvore que nunca vira em canto algum, a planta assobiou uma melodia para ela, o que fez seus cabelos balançarem. E lhe proporcionou um sorriso. Depois de um bom tempo de caminhada adentrando mais no ambiente, a garota viu a coisa mais extraordinária que um olho humano poderia ver. Um lago cristalino cheio de cisnes e seus filhotes, mas o bico dos animais tinha um formato diferente, similar a um apito, só que o som que saía deles não era fino demais ou irritante como o som de apitos costumam ser, era mágico. Era suave e indescritível.

Perto do lago, se encontrava a mesma mata que ela viu assim que chegou no lugar. E como se não fossem suficientes os cisnes e a mata musical, um pouco mais à frente, em direção ao lago, vinha uma família de elefantes, e com certeza não eram os elefantes que ela via no zoológico ou em algum desenho animado da Disney. Aqueles elefantes tinham tubas no lugar da cabeça e faziam um som tão bonito e singular quanto o dos cisnes e o da mata. Olhando a sua volta, Lily percebeu que todos aqueles sons se juntaram e formaram uma espécie de orquestra. E mesmo uma família de animais enormes, que deviam ter o peso e a altura de

umas 100 Lilys, a garota não sentia medo. Tudo naquele lugar parecia acolhedor.

A garota sentou no pé de uma árvore, do lado do lago. E olhou para de onde os elefantes, que pararam para beber água, tinham vindo, ela não conseguia ver o horizonte, só montanhas e sombras de montanhas, que se destacavam abaixo do céu azul com nuvens de formatos peculiares.

O tempo não parecia importar ali na verdade, e se fazia uma hora ou um dia que Lily saiu do cômodo na casa da tia, ela não poderia dizer.

Quando o único animal, que aparentemente não tinha instrumento em alguma parte do corpo, sentou ao lado dela e começou a falar, ela não se surpreendeu.

“Bem-vinda a Symphani, Lily!”

Ela não perguntou como a gata sabia seu nome, até porque ela disparou a falar e não deu abertura.

“Me pergunto o que você está fazendo por aqui, nunca pensei que te veria por minhas terras, eu quero dizer, sua tia não tem boas lembranças daqui, e ainda me pergunto como ela continua nos mantendo guardados em sua casa.”

“O que é tudo isso?”, perguntou Lily.

Um brilho passou pelos olhos da gata.

“Me chamo Bastet, obrigada por perguntar, e isso aqui é uma realidade.”

Isso só deixou Lily mais confusa. Bastet pareceu não perceber, mas continuou a falar.

“Tudo isso aqui a sua volta foi criado na cabeça de alguém. Que passou para outra pessoa. Que passou para outra. Até que, só pela força do cérebro humano, se tornasse real.”

Bastet agora andava em círculos entre as pernas da menina e a árvore, seus pelos pretos se destacavam no ambiente claro, fazendo com que ela lembrasse um vulto.

“Então aquele monte de caneta na casa da tia são realidades?”, Lily perguntou.

“Sim, querida. E vejo que você está se interessando em explorá-las.”

A menina se perguntou se estava muito óbvio.

“O ser humano, quando descobre essas realidades, e tem a sorte de encontrar uma que o encante o suficiente pra que ele queira visitar outras, dificilmente se conforma com a sua própria realidade, por isso eu digo, filhote de ser humano, muito cuidado com todas essas realidades, são maravilhosas, mas não são suas”, continuou a gata.

Lily ainda estava processando quando Bastet começou a se afastar.

“E não se esqueça, querida, todas as realidades têm seus problemas.”

E com uma piscadinha, a gata desapareceu na mata musical. Sem nem dar tempo para a Lily perguntar o que aconteceu com sua tia aqui, que a deixou com más lembranças.

A menina não se importou muito com o conselho da gata, mas mesmo assim se despediu de Symphani e colocou a caneta na cabeça de novo, deduzindo que assim voltaria para sua realidade.

Dito e feito. E nada parecia ter mudado a sua volta, o tempo também não parecia ter passado. Mas Lily sentiu um vazio. Um vazio que mais tarde ela foi descobrir que ficava sempre que voltava de uma realidade diferente.

Em uma dessas realidades, ela me encontrou, e contou essa história. Lily me contou das suas aventuras preferidas, e que só entendeu o que Bastet disse a ela depois de muitos anos, e que ela continuou usando as canetas do quarto da tia. Lily disse que aquelas canetas eram suas casas. E eu acredito nela. Afinal, na minha realidade, existe uma coisa parecida, os livros.

*Cecília Raulino*

*Cecília Raulino tem muita coisa para fazer, queria fazer mais, mas finge que não tem e passa o dia todo lendo ou no celular. Com 14 anos, também faz dança desde sempre e reclama da escola, mas sente falta quando as aulas são remotas.*





## “Dona Lourdes”

Antes do mundo parar, eu estava lá. Quando as notícias sobre o vírus eram sobre o outro lado do globo, eu e a Mana fomos fazer-lhe uma última visita.

– Parabéns pra você... Nessa data querida... (Parabéns pra você)

– Muitas felicidades... (Nessa data querida)

Abaixei o volume da chamada rapidamente. Na tela dividida em três, além de nós, duas tias batiam palmas para comemorar. Não sei ao certo qual era o dia da semana, talvez terça ou quarta, mas meu tio também estava conosco – em carne e osso – em um dos seus raros dias de folga.

A preparação do aniversário começou durante a novela das 6, sob o olhar atento da aniversariante. Vovó disse querer ajudar, mas rejeitamos com veemência: eu e a Mana dissemos não ser necessário; enfatizamos ainda que no dia no aniversário *quem está de berço, não deve cozinhar*. Vó Lourdes observava o trânsito da cozinha da sua cadeira de balanço, assistindo também a vingança da protagonista contra a vilã. De quando em quando, se balançava como que para espantar o sono. Nem sempre funcionava.

– Têm certeza que não querem ajuda aí, meninas? – perguntou novamente.

– Não precisa, Vó, fique aí vendo a Rita – respondi.

– A gente já sabe onde ficam as coisas – a Mana reforçou.

Vovó riu. Seu riso arrastado, no começo sempre um pouco travado, se espirrou pela sala. Sua felicidade já vinha de alguns dias, eu percebera. Desde que eu e a Mana chegamos, há algumas semanas, testemunhei a suavização de seu rosto. Não que fosse sisuda, não, não. Vó Lourdes sempre foi uma pessoa pacata, simples. Creio eu que a vida a ensinou a guardar seus sentimentos dentro de si e, por isso, um sorriso ou outro significavam mais do

que realmente eram, assim como um rosto sério queria dizer menos do que realmente seria.

Uma hora e meia depois, o bolo já estava esfriando e o creme de cupu no congelador. A mesa coberta por um comprido pano branco aguardava a louça de barro que teria sua estreia ali. Antes que escurecesse mais, pedi para Vovó pegar as folhas para o chá que seria servido com o bolo.

Quando os convidados chegaram todos (coisa de duas horas depois), quando estava na hora de cantar os parabéns, tive a ideia de ligar não para uma, mas para duas das filhas da Vovó que moravam longe. Antes de este ser o único meio de podermos vê-la pelos próximos meses.

– Parabéns pra você... Nessa data querida... (Parabéns pra você)

– Muitas felicidades... (Nessa data querida)

– Muitos anos de vida! Yey! Viva Dona Lourdes! Viva!

Naquela época, o Vírus era uma preocupação distante... para o governo. Lá no fundo, eu sabia que era questão de tempo para ele chegar por aqui – apesar disso, nem eu esperava o estrago que ele fez por aqui.

Um ano depois, não há mais “Parabéns para você”. Uma semana antes... foi seu último suspiro. Tão de repente quanto uma chuva repentina cujas gotas são como facas na pele. Foi cedo demais. Foi na calmaria. Foi na *beira da praia*.

Paro para pensar na cadeia de pequenos deslizos somando-se um a um, quase consigo vê-lo como em flashes, se aproximando do fôlego de sua vida, agarrando-o e, pouco a pouco, fechando as portas do ar para seus pulmões. Penso nesse trágico *blockchain* imaginando o que poderia ter sido feito diferente.

Quantas pessoas estavam a um passo da cura e não puderam? Quantos estavam a três, quatro dias ou mesmo 24 horas da cura? São tantos “e se” que às vezes sinto como se se amontoassem sobre meu peito. Porém, as possibilidades passadas não doem tanto quanto as não possibilidades futuras.

Me pergunto se poderíamos tê-la conosco um pouco mais, se poderíamos ter feito alguma coisa, se poderíamos *não* ter feito alguma coisa, se poderíamos ter *o poderíamos*. Porque a finitude humana não abarca os sentimentos que nascem dentro de nós. O tempo nos carrega nas costas, o tempo os apresenta aqueles que passam tão rápido que nem sabemos o nome e também é o tempo que nos liga àqueles que fazem moradas em nosso coração. Porém é o tempo que os despeja. É o tempo que deixa a casa vazia e os quartos desabitados, cuja única visita é a saudade.

Quando lembro de Dona Lourdes, quando adentro seu quarto em meu coração e sento em sua cama com lençóis cheios de montanhas, a parede me mostra aquele dia. Um dia quente, um dia sem vento, um dia comum, mas um dia feliz para ela. Quando a saudade toca em meu ombro, lembro de seu rosto ao apagar as velas de seu aniversário. Quando o desejo de vê-la é demais, lembro do sorriso de minha Avó. Sorria com os olhos, sorria com a boca, sorria com o corpo e com as mãos. A felicidade que não volta, Dona Lourdes a teve. A saudade que aperta, eu a tenho. “É apenas um ‘até logo’”, ela me ensinou. “É apenas um ‘até logo’”, a esperança me sussurra. “É apenas um ‘até logo’”, digo baixinho enquanto a saudade me espreme algumas lágrimas.

*Fuyu.two*

*Fuyu.two é Monique C. Pantoja. Filha de pai nortista e mãe nordestina, nasceu em Belém do Pará, numa manhã de janeiro de 1997. Gosta de chuva e café com canela e leite e de um bom anime ou dorama.*

## Lembrança

Encerrada a porta. Martelo batido. Causa perdida: pandemia! Quem imaginaria? Quem desejaria espontaneamente trancar-se em si e para si ou para os outros? Sem jeito, no que remediado está, acesso as intermitências de minha memória. Eis que surge uma lembrança, daquelas guardadas na gaveta mais inacessível do almoxarifado, que somente quem vê é o breu temporal. Mas estava ali desde o tempo do ocorrido, esperando, pacientemente, os tempos propícios para rememorar.

Lembro-me, nitidamente, com intensa resolução imagética, do abate doméstico das galinhas criadas no quintal de minha casa. Na altura dos meus 7 anos de idade, eu acordava cedo, antes do sol, ao som dos galos, das galinhas, dos pintos, dos porcos, dos burregos e até dos pernegas, ou periquitos, como queiram!

Naquele fortuito dia, minha periciosa mãe levantou-se antes do sol e postou-se logo à primeira tarefa do dia, que incluía o preparo de um pedaço de cordão, desses de rede de dormir, para auxiliar a logística do abate da sorteada do poleiro. Meu olhar refletia apenas o futuro e delicioso caldo que seria servido em breve. Com o pedaço de cordão e seu ar de especialista, fitou o melhor rango e investiu um bote de três passos certos que culminou na captura da escolhida. Mesmo se debatendo com força e velocidade, minha mãe logo conseguiu amarrar os pés da penosa e, em seguida, para não pecar em seus costumes religiosos, pendurou-a de cabeça para baixo numa das estacas da cerca que rodeava o quintal de nossa casa.

Mamãe nunca nos privou dessas cenas. Assisti, por muitas vezes, meu pai abatendo carneiro à golpe certo de machado e castrando os porcos. Normal!

Depois de um tempo pendurada de cabeça para baixo, a galinha cansava de se debater e se rendia ao seu fatídico destino. Seu sangue já estava concentrado em sua cabeça, assim, o restante

de seu corpo já estava “teologicamente” pronto para o consumo. Ainda viva, era levada para o seu último momento. Com a mão direita firme, segurando somente a cabeça da moribunda, minha mãe torcia em movimentos circulares para que fosse breve a partida da galinha.

Eis que, no segundo movimento, cabeça e pescoço se desprenderam e, bem à minha frente, estava um bicho sem cabeça, correndo e ciscando com toda a vida que fosse possível. Lembro-me que pensei que ela poderia viver daquela forma, sem cabeça mesmo, mas meu caldo estaria perdido. Então, ao mesmo tempo, desejei que ela cumprisse sua missão.

Enquanto eu refletia, o bicho definhava no meio do quintal. Enfim, morreu! Enquanto erguia a galinha para o passo seguinte, minha mãe repartia “o pão”: “Um pedaço para comadre Zuíla, outro para Dona Chiquinha”. E assim, mergulhava a galinha numa bacia de água quente para a retirada das penas.

Nessa mesma hora, com o nevoeiro da água fervente, era possível até enxergar a alma da penosa subindo aos céus, depois de ter cumprido seu sacrifício. Delírio meu! Depois de retiradas as penas, partia-se para o corte, temperamento e cozimento. Comê-la era sempre a melhor parte. Ainda guardo o gosto, o cheiro e o momento na mente.

É só uma lembrança! Que me fez lembrar que eu sei abater galinhas!

*Fernanda Kécia*

*Fernanda Kécia de Almeida é graduada em Letras e Mestre em  
Linguística pela Universidade Estadual do Ceará. É amante da literatura  
e devota de Fernando Pessoa.*





# VISITAS À PROSA POÉTICA



## **“não paro de pensar nas mulheres...”**

não paro de pensar nas mulheres. sonho com elas, algumas eu nem conheço. quando o tempo para, ou meu corpo se rende cansado, eu lembro delas. todas. a vizinha que ofereceu um prato cheio, quando sabia que não tínhamos comida em casa, escondido pra que ninguém soubesse. a que me deu o meu primeiro absorvente, disfarçando pra eu não me sentir envergonhada por sangrar. recordo o caminho que fiz da escola até em casa, o choro e a mancha na minha calça de criança. a mulher dentro de casa encarando a menina, que era eu, sem saber o que falar. não tínhamos palavras. ainda não temos. aprendemos a nos comunicar pelo olhar. demorei muito tempo pra entender que existia outra mulher em casa. sem a maquiagem, os vestidos, sem o véu da feminilidade, era difícil enxergar a mulher ali, até que eu vi o filete vermelho escorrendo do seu nariz, a coisa viva fugindo de dentro pra fora. até hoje não sei se a história da queda na cozinha era real ou uma tentativa de mascarar o monstro dentro do homem. mas sei das reuniões noturnas, depois que ele dormia. o plano arquitetado, as caixas de papelão reunidas, a cor de terra forte nas paredes da casa nova e uma nova mão feminina estendida à nossa frente. é por isso que eu não paro de pensar nas mulheres. porque foi entre mulheres que eu descobri o que era não estar só. mesmo quando, chorando, eu fui deixada pra trás. mesmo quando eu também deixei pra trás uma mulher chorando. eu sei sem precisar de palavras. porque nós aprendemos a ler o olhar uma da outra. a entender os silêncios, quando ninguém pode ouvir. por isso não consigo não pensar nas mulheres. porque não estou sozinha e há sangue escorrendo entre as nossas cirandas invisíveis.

*Michelle Araújo*

*Michelle Araújo, 28 anos. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Campus Avançado de Patu. Pesquisa sobre Literatura de Autoria Feminina Oitocentista. Escreve sobre suas experiências enquanto mulher nordestina e lésbica.*

## A invisibilidade da dor

**1 de janeiro.** O ano de 2020 iniciando, a parecer só mais um.

**13 de março.** Começo por pedir à minha mãe que não venha a Fortaleza. Sei que combinamos sua vinda, mas não passo muito bem, o corpo doído, febre, tontura, cansaço. Nada me apetece comer. Já sabia da pandemia, mas nada me indicava a sua dimensão. O decreto do governo cearense para o fechamento de toda escola e dos serviços não essenciais: o *Lockdown* – mesmo que confinamento. Pensei, então, na palavra confinamento. Talvez fosse mais apropriada para tais fins, pois nós, latinos, atribuímos a ela um sentido mais forte. Dormi sob analgésico e só me levantei da rede após dez dias, durante os quais me serviu muita água e suco e purê de legumes. Sem saber o que me acometera, confinei-me, assustada por nunca antes um ciclo viral ter se demorado tanto, deixando-me indisposição física e psicológica. O álcool 70 agora era rei.

**15 de março.** Eu sabia, pela teimosia de minha mãe, que ela viria. Chegou com uma agenda de visitas médicas inadiáveis e já me dizendo: *isso é 'virose', você está fraca, não se alimentar na hora certa, e essas viagens a Limoeiro...*<sup>1</sup> Dela conseguimos três proezas: que permanecesse longe de mim; usasse máscaras em casa; e, por ordem médica, voltasse imediatamente para o Crato. Voltou. Lembrava minha mãe a me dizer da porta do quarto que não havia de ser nada. Sim. Mas, até para quando não se pode abraçar e a palavra ocupa o lugar, é preciso coragem. Foi o vazio do abraço que me ficou a latejar.

**1º de maio.** Dia do trabalho. Hoje, nas redes sociais, comemora-se a luta dos trabalhadores. E os noticiários citando números de mortes, infectados e desempregados. E as previsões

---

<sup>1</sup> Sou professora da Universidade Estadual do Ceará, no campus FAFIDAM, situado no município de Limoeiro do Norte, Ceará, distante 200 km de Fortaleza. Viajo semanalmente para lá.

do Comitê da covid-19 a alertar para uma calamidade. As lutas dos trabalhadores impeliam-me ao sentimento de esperança, cuja força, às vezes, transforma dor em indignação, e esta, em ação. Esperar era o verbo. Enquanto a rotina me chama a afazeres da casa, o trabalho me convoca às atividades em formato virtual. Eu me sentia como uma barata tonta, porque o tempo de afazeres distintos no mais das vezes se sobrepunham.

**8 de junho.** Começamos as aulas em situação emergencial – aulas remotas, pelo Google Meet. Eu, na tela do computador portátil, e os alunos, em sua maioria, no celular. Aquilo não era normal. Senti-me estranha e angustiada, os alunos e eu, cada qual em sua “janela”, muitas das quais fechadas, para poupar bateria. Senti minha cabeça confusa. Preciso do olhar do outro. Analfabeta digital, agravou-me a angústia. Sempre me senti estranhada ao universo virtual. Mas eu conhecia a experiência da necessidade – ela se impõe.

**1º de julho.** Acordei ansiosa, me pesava respirar. Não fui ao hospital receosa de ser infectada pelo novo vírus, desconhecido e letal. Professora que sou, sigo regras para não perder a voz, uma delas é respirar com técnica, outra é lavar narinas com soro fisiológico, uma seringa de 5 ml ao acordar. Nesse ritual, o soro, o álcool, o soro, o álcool, aspirei o álcool e o corpo foi o alarme de que havia perdido o olfato. O fato é que não embriaga inalar álcool, mas queima. Fui ao laboratório e meu exame detectou anticorpos para covid-19. Acho que foi o que me ocorreu em março. Que importa, pensei, se continuamos vulneráveis? Misturou-se o medo, a indignação ante um governo excludente, com um projeto genocida a fazer piada e retardar a vacina. Viva as Brigadas de Médicas de Cuba, socorrendo o mundo, mas não o Brasil. Pus meu nome na lista dos que defenderam a Brigada Henry Reeve para prêmio Nobel. Isso amenizou as dores do mundo em mim.

**10 de agosto.** Aniversário do meu pai. Ele nunca gostou de festejos. Mas dessa vez não era festa que me ocupava o coração, era o cuidado com os nossos idosos, a falecerem. Ninguém passa a vida sem um luto, mas esse era diferente. E eu pensava que morrer deixara de ser uma perda doída para ser apenas um

anúncio estatístico. Eu sentia a dor antecipada, talvez pelos outros que se foram. Na vida contemporânea, eu penso que essas novas tecnologias atuam como um mal. Morre-se anestesiado pelos olhos, que aprendi serem a janela da alma. As telas ocupam as janelas e a alma fica na sombra. Isso me entristece, mas me perguntam em que mundo eu vivo. Eu? Leio livros, porque gosto muito, fazem de mim mais viva, e eu emergo, a conhecer-me ante a palavra do outro. Muitos livros existem sobre quase tudo, eu prefiro escolher. Estou lendo...

**1º de novembro.** Ainda bem, em casa conseguimos conversar. Um dia sem TV faz bem. A espetacularização de uma guerra rouba a alma, a razão e o bom senso crítico, eu penso. Dividimos tarefas, a sala ganhou um lençol branco na janela, um projetor emprestado e pronto: sala de cinema. Os dias formam-se com os filmes, livros e alguns desentendimentos – nada grave para o que se passava calçada afora. E a dor, invisível. Como se as mortes fossem um conto literário – o inferno de Dante ou um mal que não traz um bem. Nada me deixava mais confusa do que a ditadura do bem-estar, como se a dor fosse proibida compulsoriamente por uma enxurrada de positividade por todos os lados, e a dor, como sentimento que nega, parece atravessar essa trágica pandemia incólume. Penso no paradoxo – o excesso de informações nas redes sociais, a sua forma homogênea de entreter, é intencionalmente controlada e planejada para roubar a todos a necessária experiência da crítica, da negação, da capacidade de reflexão, anestesia o eu que aparece sem a necessidade do outro. Sombreia a importância da vivência da dor – essa que nos conduz ao outro, seja pela partilha, seja pela empatia. Eu não sei anestésiar a dor.

**15 de outubro.** Dia do Professor. Professor trabalha ou não trabalha na pandemia? Era uma narrativa a provocar dor. Eu passei pela angústia de ter três atividades marcadas no mesmo dia e na mesma hora na agenda do Google Meet. Trabalho remoto se acumula, e acumula muita vida não vivida. Dói na alma, que, de cansada, se confunde.



**25 de dezembro.** Dia de Natal. “Esperando Godot” – a vacina e suas sinuosas lendas. Sentindo minha casa a parecer uma bolha, uma fina película por onde passavam o medo e a dor trazidos pelo vento, entrado pelas frestas das janelas. O tempo, às vezes, era, estava, contava-se em feitos – leituras, comida à mesa, roupa lavada, artes etc.; e às vezes o tempo não estava; faltava em mim o sentido de transformar as horas em vida. Foi quando descobri, conversando entre nós, quarentenados, que apenas sinto-me sujeito do tempo quando, enquanto ele passa, percebo assim minha subjetivação objetivada no tempo. Por isso se espera. Outra aprendizagem foi a da espera – esperar é uma ação e, nessa situação, esperamos juntos, mesmo distanciados. Então, não estamos sós.

**1º de janeiro.** O ano de 2021 (...) *solidão apavora, tudo demorando em ser tão ruim* (Caetano Veloso em “Desde que o samba é samba”). Viva o SUS, nadaram contra a correnteza que descia do planalto espalhando o lixo de uma política de morte.

... ..

**19 de setembro.** Do presente o tempo evapora-se, ora é ontem, ora é hoje, e amanhã perco a agenda... um futuro necessita de passado para ser traçado intencionalmente. Estou conjugando o verbo esperar. Hoje são 100 anos de Paulo Freire. Sinto alegria por tê-lo vivo na palavra com força de ação na empatia, adubo da futura comunidade que a diversidade humana... *trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!* (Karl Marx, século XIX).

...  
...  
...  
...  
...

A pandemia não acabou. A humanidade está doente de capitalismo. Não há de ser o apocalipse. Vamos esperar... *na luta é que a gente se encontra...*

Lúcia Helena de Brito

*Lúcia Helena é professora. Um concurso lhe pegou de surpresa enquanto concluía seu mestrado e nascia a Júlia – tudo ao mesmo tempo –, contrariando seu desejo de viver sem pressa. Salvou-se entre livros e amigos, tendo a vida misturada à luta anticapitalista.*



## Mulheres na Pandemia... que fazer? Por que lutar?

Parece que se passaram cem anos! A intensidade dos fatos de repente caídos a nossos pés! Nos tornando imóveis, isoladas ... O medo...como nos protegermos? Como proteger os que amamos? O que fazer?

Nada a nos amparar... incertezas, tantas dúvidas.. Somente a fé a nos consolar!

A fé na ciência, a fé na humanidade, em nossa capacidade coletiva de superar tempos difíceis! Sim haveria de vir da ciência alguma solução! Uma vacina, uma medicação... uma avides de notícias a ouvir, uma avides de artigos a ler...para entender, para sobreviver...

E não custava rezar!

Rezar pelos cientistas, rezar pelos amigos e parentes doentes, rezar pelas famílias que perdiam seus entes queridos, rezar por mim também! Manter a calma, a força e a esperança... dominar o pânico...

O mundo meio parado...o coração a mil!

Lá fora – agora mais do que nunca, existia o aqui dentro e o lá fora - o desgoverno que assola o país e a nós todas e todos! Uma política de morte! A marca dos 600 mil...me era impossível imaginar e continua sendo impossível aceitar!!

Mulheres em casa... o desemprego para muitas que viviam de trabalhos informais...a iminência da fome... o aumento da violência doméstica! Mulheres em casa, sem ter para onde ir! Sem ter como ir a algum lugar!

Trabalhos em suspensão, aumento do desemprego, direitos ameaçados, redução de salário!

Reaprender no modo remoto, ensinar no modo remoto, viver no modo remoto... lembro Adriana Calcanhoto: "remoto controle" ...

O que fazer? Imperativo resistir! Contra o vírus, contra o verme do des-governo!

Vem Lins: "...Desesperar jamais..”!

A solidariedade de classe em todas as suas formas! Campanhas de doação! Alimentos, produtos de higiene, máscaras, material escolar para as crianças sem escola... “chips e tablets” para a juventude, no médio, na universidade, poder estudar... inclusão digital já!

Campanhas educativas: mantenha a distância, não saia, lave as mãos...ninguém solta a mão de ninguém!!

As telas, janelas para o mundo! Nas telas, a gente se encontra!

Nas “lives”, para debates, para denúncias, para anúncios... nas “lives” para a arte nos alentar... nas “lives” para a gente reaprender a lutar!

Lutar por...?

Auxílio emergencial já! “Vacina no braço, comida no prato”!  
“Viva o SUS”!!! Viva a todas e todos profissionais da saúde na linha de frente! Mulheres se apoiam em redes de proteção! Não nos calarão! Fascistas, não passarão! Fora, Bolsonaro e Mourão!

E aqui em meu coração a esperança se torna verbo!!! Obrigada, Freire, pelo “esperançar conjugado em comunhão!!!

Em dezembro de 2020, a alegria se fez presente de Natal! Chegaram as vacinas!!! Se inicia em Londres e se promete para janeiro de 2021, no Brasil! E a luta continua! “Vacina, pão, saúde, educação”!

Em maio de 2021, voltamos às ruas! E delas não mais saímos!  
Mulheres soltam a voz: não nos calarão! #elenunca!!!  
#elenão!!!Fora Bolsonaroooo!!!!

Mas, ao final, em tanto passado... em tanto embate enfrentado, também temos o que agradecer!!! Pois sempre há o quê!!!

Agradecer aos passarinhos em minha janela, com seu canto - acalanto, no alvorecer!!

Aos raios de sol que em minha vida entravam a me aquecer!

Agradecer às e aos artistas, pelos filmes, séries, livros, poesia e literatura, que nos acompanharam... aos que cantaram, teatralizaram... que driblaram a onda, e com bom humor, ainda nos fizeram rir!!

Às queridas amigas, amigos e compas na Luta! À SINDUECE, ao MST, ao Partido Socialismo e Liberdade(PSOL), em particular a

todas e todos do “Mandato é tempo de resistência”, e assim ao Deputado Renato Roseno, sempre ao nosso lado!

Poder estar agora com minha mãe, Doralice, de 86 anos, e ver como Sarinha, minha sobrinha de sete aninhos, se aninharam, se animaram! Estar com minha sogra Miriam, meu sogro Zé Mendes, ambos de 92... lembrar de Dona Telma, com 87... que travessia! É bênção e vitória!!

A Ernandi, amor e companheiro, às nossas filhas Maíra e Ana Clara, atravessarmos juntos a Pandemia amenizou a solidão da quarentena e na programação coletiva que construímos - o trabalho, o lazer, a poesia, o rezar...as plantinhas a cultivar...tudo foi re-existência a florir !

A Pedro, nosso filho, à Aline, nossa nora, e à Valentina, minha netinha, de então dois aninhos.....por tanto tempo nos vimos nas telas...e ela tanto cresceu . Quando, enfim, a gente pôde se encontrar, você olhava para minhas mãos demoradamente... sim, eu havia saltado das telas... e baixinho você perguntou: “Nana, em ainda estou no seu coração?” E eu com olhos marejados, nem podia lhe abraçar, balbuciei: “Tina, você é tão amada... preenche minha vida e meu coração!”

Junho de 2020, a gente (Ernandi e eu) da COVID se curava... São João em nossa casa, bandeirinhas coloridas de Ana Clara, Gilberto Gil com um forró, em live nos embalava.... a gente sai a voar... a gente chora, a gente se abraça e sorri!

E agora, o jeito é prosseguir!!

*Sandra Gadelha*

*Sandra Gadelha é professora universitária, feminista, participa do  
sindicato docente, pesquisadora, mãe, avó apaixonada por tudo o que faz  
e que a leva a contribuir na construção de  
um mundo melhor*

## **Coração partido e crush de supermercado: existe amor na pandemia**

março de 2020. começo de pandemia, término de namoro. esse era o meu contexto pessoal. a solidão que eu pensei que enfrentaria não representou nem metade da metade da solidão que realmente me esperava, com seu distanciamento social, máscaras cobrindo rostos e sorrisos e ainda um coração partido pra curar.

nas primeiras semanas sem ele e com essa realidade, tudo era novo, com um sofrimento que parecia que se encerraria em breve. seria bem breve, coisa de um mês, né? e tudo era usado pra distração. li muitos livros, até não conseguir ler mais... comprei produtos de *sex shop*, até perder completamente o tesão na vida... deixei o cabelo crescer por pura falta de opção...

instalar apps de paquera nesse momento parecia a única maneira de encontrar algum afeto num contexto tão distópico. e foi pensando assim que aderi aos mais variados recursos sociais virtuais. e no começo tudo era ótimo. mentira. já no começo tudo era péssimo. os homens se apresentavam algo entre cansados e desprovidos de assunto. era difícil definir. mas era certo que todo mundo estava meio perdido no caos que havia se instalado.

mesmo a contragosto, passei a beber umas cervejas toda sexta em casa. nunca gostei de beber fora do ambiente do bar, mas até isso estava sofrendo alteração. era uma rotina inteira que se mostrava diferente, em suas mais variadas nuances. eu tinha que me adaptar. e foi nesse contexto que acabei marcando um encontro com um tinder boy no supermercado. é, eu sei, triste, né? mas era o que tinha e eu precisava de gente que não fosse eu, minha filha ou minha mãe.

no supermercado, entre xícaras e talheres, nos olhamos. eu estava aterrorizada com a ideia de adoecer, mas estava igualmente aterrorizada com a ideia de não ter um contato mais próximo com outro ser humano. eu estava de coração partido,



vale lembrar. então, era tudo em prol de suavizar essa mágoa. e, por isso, valia o risco. mas será que valia mesmo?

ele me olhou demoradamente. passamos álcool em gel nas mãos, nos cumprimentamos formais demais pra ocasião, mas da única maneira possível. conversamos amenidades enquanto eu comprava uns itens aleatórios pra casa. ele não comprou nada. foi quando eu percebi que eu era o único motivo da ida dele ao mercado. senti-me entre lisonjeada e chocada. não sei se eu estaria ali se não precisasse repor as cervejas de sexta e outras coisinhas mais.

andei bem devagar pra aproveitar ao máximo. frisando que aproveitar é uma palavra forte, pois tudo me causava pânico... tocava nos produtos das prateleiras com medo. e mal toquei no rapaz, que, por sinal, tinha o nome do meu ex. já era motivo suficiente pra ter ainda mais medo. mas eu queria me conectar, e arriscar era preciso.

o tour meio improvisado pelo mercado acabou. finalmente chegamos ao caixa. paguei minhas compras. saímos juntos. ao chegar no estacionamento, enquanto eu esperava o meu uber, ele aproveitou que tirei a máscara pra comer um pedaço de chocolate e me beijou. na boca. no meio do lockdown. da pandemia. paralisei. não, o beijo não foi tão bom assim. eu paralisei foi de medo da covid.

finalmente o uber chegou. entrei rapidamente. suspirei aliviada que o encontro mais bizarro da minha vida havia acabado. e segui pra casa num misto de alívio e desespero. nos dias que sucederam, eu era só angústia. e decidi que seria melhor trocar os apps de paquera pelos de comidas, pelo menos neles eu não corria o risco de ser contaminada, só alimentada. e comida é outra forma de amor. muito mais segura. e nunca decepçiona.

*Milena Bandeira*

*Milena Bandeira é formada em Letras, revisora de texto numa agência de publicidade, escritora nas horas vagas e viciada em café. Inspira-se em histórias do seu cotidiano. Está sempre conhecendo algum meme novo com Sophia, sua filha adolescente. E adora curtir uns rocks com seu cachorro Ozzy.*



## Da vida não mensurável

Fui abrir a janela, com saudade do sol. Era um dia desses de meio de semana, em que a modorra das horas aparentemente intermináveis tomava conta de tudo. Talvez fosse uma quarta ou uma quinta-feira... é que os dias daqueles dias se confundiam em meu calendário pessoal, que já não abarcava todas as esperas e todos os planos, agora carregados de mofo simbólico. Tudo de mim aguardava, esperava-me de algum modo, como se a vida inteira estivesse em um *slow motion* forçado, parecido com certas fugas desesperadas nos pesadelos-clichês...

Mas em nada disso eu pensava naquela manhã. Eu só queria mesmo era sentir um pouco de sol em minha pele, como um abraço iluminado e cheio de calor. Existem experiências que são vividas sem pensamento, e depois os pensamentos se enovelam e se tornam outra experiência de vida... Pensar é uma forma de experimentar a vida, afinal. Pois somente agora é que os novos dos pensamentos colocam a experiência daquela manhã em sua pista olhável. Naquela manhã, eu queria apenas abrir a janela e ser tocada pelo calor do sol, como se isso fosse a única coisa importante a ser feita.

Sobre as mesas da casa, esperavam-me vozes em muitas letras. Literatura, Filosofia... discursos tantos, *poiesis* que acalmava minhas tempestades anímicas e me acompanhava no deserto. Os livros me traziam presenças tantas... Edith Stein, Auta de Souza, Francisca Júlia, Emília Freitas, Teresa d'Ávila... mas não apenas. O castelo interior, em suas tantas moradas, hospedava e hospeda muita gente! Entre aquelas paredes e por aqueles dias de fome de sol, dava para conversar com Chiquinha Gonzaga, Nina Simone, Bach e Villa-Lobos... Dario Vellozo, Saramago, Vergílio Ferreira, Evelyn Underhill, Victor Frankl!

Elas e eles não estavam somente nos livros, é claro! Eles e elas foram grudando fragmentos de suas vozes em minha pele

simbólica e essas partículas de *logos* e de alma se misturavam à minha epiderme, derme... hipoderme adentro d'alma, depois pelos canais venosos e... eu não tenho o mapa todo, mas sei que aquelas partículas entraram por meus pulmões e coração e cérebro... no mínimo. Algumas paredes internas chegam mesmo a ser compostas por essas substâncias de vozes que formam boa parte da estrutura de minha humana pessoa... e quando o pulmão envia ar tratado com essas impregnações para ser liberado por minha boca, chego a arfar de desespero por saber que eu não poderia traduzir o que desejo em meu pequeno verbo.

\*\*\*

Voltando àquela manhã, continuo a recordar...

Abri a janela. Os raios solares me cegaram por um instante, e eu lembrei daquele personagem que descobriu o mundo fora da caverna, naquele mito narrado por Platão. Estaria eu em quantas cavernas, naquele dia? Quantos sóis me cegariam a cada vez que abrisse qualquer janela? Quantas janelas moravam em mim? Eu me lembrei daquele personagem durante segundos apenas, no intervalo entre a abertura da janela, a breve cegueira e o esticar dos braços para fora, o que me trouxe a sensação de carícia iluminada.

Ah, tudo isso me faz suspirar de saudade, alívio e tanta coisa não mensurável!... Ser uma mulher com fome de luz e de calor não é uma experiência que acabe. Mas não é e nem era apenas essa fome que existia. Ali, na rua ao lado, morava uma senhora que chorava o filho que partira por Covid-19; nas redes sociais, os números de mortos deixavam a mim e a tanta gente com medo, vergonha e dor de viver. Não era apenas o vírus: muita gente sabia disso; não era apenas a estrutura do nosso sistema de saúde: muita gente sabia disso; não era apenas falta de máscara, pouca higienização orientada... e tanta coisa me entontecia, e tanto pensamento me doía na existência!

Eu estava em quarentena junto a meus projetos vários, naquela manhã. Apesar disso, o dia tinha nascido e essa é a parte que desejo

guardar, a vida não mensurável de ver-me existindo em um dia que amanheceu há pouco e tenho tanto a fazer germinar!

*Graciele Callado*

*Graciele Callado escreve contos, crônicas, poemas, canções... a cada vez  
que a poesia bate à sua porta.*

## Mulheres em quarentena

Ela as observava.

Observava o modo como se anulavam.

Como a jornada era gigante.

Como o home office diminuiu sua produtividade.

Não que trabalhar de casa fosse um problema, mas é que nesse caso era. Via-as de fora, já que sentia que no seu caso as coisas eram relativamente mais fáceis. Mas para elas não.

De um lado, uma grávida. E observava que uma das coisas mais difíceis seria quando aquela criança chegasse e ela tivesse que descobrir como ser mãe solo, ainda que casada. Por mais que acreditasse que não estava sozinha, observando-a era possível perceber sua angústia diante dos acontecidos e do que temia acontecer dali pra frente. Não ficou mais fácil. Na verdade, ficou ainda mais difícil e ela observava o julgamento que as outras faziam.

Ela as observava.

Observava a artista, que, ao entrar no mundo pandêmico, se reinventou.

Criou novos projetos, novos desafios, participou de concursos teatrais e inúmeras oportunidades de crescimento, ao mesmo tempo em que se virava de todas as formas para manter sua sanidade mental e todos ao seu redor de forma confortável. Mas, observando-a, apenas se podia indagar... e ela?

As coisas não melhoraram. Ela observava com era difícil o dia a dia. E aos poucos, foi diminuindo o ritmo. Faculdade, trabalho, família, projetos, porque ela via que teria que abdicar de alguma coisa. Como mulher e mãe, escolhia deixar de lado os projetos.

Ela as observava.

Observou algumas delas perderem o pai, os amigos, algumas até se perderam. Observou as pessoas que nem ao menos tinha ideia de quem eram, mas as dores eram tão fortes, e a forma como eram tratadas era tão banalizada por aqueles que deveriam ter,



em sua prioridade, a preservação da vida que não queria mais as observar. Sentia cada uma delas, todas as vezes, desde a primeira até chegar a meio milhão ou mais. Mas a tristeza tinha virado tão cotidiana que passou a ser passageira, na medida do possível.

Ela as observava.

Observava a estudante, a pesquisadora, a professora se dividirem em várias, embora não conseguisse dar conta do trabalho e sua pesquisa fosse comprometida, já que suas obrigações como mãe, esposa e dona de casa se confundissem com suas prioridades, que na verdade percebeu que não eram tão prioridades assim. Em contrapartida, ele aumentou sua produtividade, publicou, finalizou sua pesquisa e iniciou outra. Conseguiu financiamento. Enquanto isso, a rotina dela aumentava e já não dava mais conta da pesquisa, do trabalho e dos afazeres domésticos. Teria que escolher.

Ela as observava.

Ela se observava.

Não achava que realmente havia mudado alguma coisa nesses dois anos. Mas não via a mesma pessoa no espelho. Muitas dores suas e dos outros seriam a base pra construção de uma pessoa que se reconheceria mais tarde, mas não naquele momento. Quando se reconheceu, não sabia quem era aquela de antes, ou sabia, mas não queria ter de olhar pra trás e enfrentá-la. Aqueles dois anos a mudaram e mudaram todos os outros ao seu redor de forma significativa, mas não de forma perceptível aos seus próprios olhos. O interessante de observar é que de uma forma ou de outra, o observar das outras foi absorvido, e de forma natural, algumas coisas entraram em si, só não sabia como as identificar.

*Clycia Najara*

*Clycia Najara é a mãe do Loki, funcionária pública e estudante de Direito há mais tempo do que o indicado para a saúde mental. Apaixonada por ficção científica e cultura pop e, ao mesmo tempo, apreciadora dos clássicos.*

O mergulho nestes escritos me fizera pensar que, sobretudo para quem, como eu, faz do sertão local de vida, trabalho e moradia, poesia talvez seja isso: um delicioso banho de açude, para o qual as mulheres reunidas aqui neste livro, com seus escritos, tão bem souberam mobilizar-me. Escritos nascidos em dias de muitas dores e que, por isso mesmo, nos confrontam com feridas abertas - objetivas e subjetivas - que certamente levarão tempo para cicatrizarem, na vida individual e coletiva.

Mas, para além das dores, há delícias também expressas nos registros do existir e do seu cultivo. Mulheres em Quarentena é um livro de descoberta, reinvenção e potência. Suas linhas são profundamente diversas, em temas, estilos, percursos e horizontes. Em comum, destaco especialmente a força que as palavras dessas mulheres portam, chamando-nos à resistência incessante.

Em uma nudez sem precedentes, elas expõem sensibilidades, criatividade e experiências cotidianas de um modo a me fazer crer que leitores e leitoras de todos os recantos do país certamente encontrarão nestes escritos muito com o que se identificar. O que tocou a essas mulheres poderá tocar ainda a tantas outras que somente posso desejar que este livro se faça então lugar de encontro e construção da identidade entre nós e os nossos.

**Clariça Ribeiro**



ISBN 978-65-5869-846-3



9 786558 698463 >